

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A Sexualidade Infantil:**  
**Desafios e Perspectivas no Currículo Escolar**

**Maria Graziela Assenço da Silva**

Brasília

2013

Maria Graziela Assenço da Silva

**A Sexualidade Infantil:  
Desafios e Perspectivas no Currículo escolar**

Monografia apresentada pela aluna Maria Graziela Assenço da Silva, à Banca Examinadora de Educação como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília,  
Março de 2013.

*ASSENÇO, Maria Graziela Silva.*

*A sexualidade Infantil: Desafios e Perspectivas no Currículo escolar.*  
62 p.

*Orientadora: Profª Drª Sonia Marise Salles Carvalho*

*Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), UnB, 2013.*

*1. Sexualidade Infantil. 2. Currículo 3. Educadores. 4. Orientação*

*1. Sonia Marise Salles Carvalho 2. Universidade de Brasília*

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Monografia** como requisito parcial à obtenção do grau de **licenciado em Pedagogia**, submetida à comissão examinadora da **Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília – UnB**, sob a orientação da professora Dra. Sonia Marise Salles Carvalho.

Brasília, 06 de março de 2013.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sonia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. PhD José Zuchiwschi (Examinador)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Iracilda Pimentel Carvalho  
Examinadora

**Dedico este estudo, a  
Deus, provedor de todas as  
coisas.**

## **Agradecimentos**

A Deus pela sua infinita bondade, pela sua plenitude.

À minha querida e amada mãe (*In memoriam*) por esses anos dedicação a mim e a minha filha, e ao seu sonho concretizado de ver um de seus filhos se formando em Pedagogia, curso que fez dela uma grande e única educadora.

Ao meu pai, por tanto amor, carinho e dedicação. À minha filha, Raquel, ovelhinha amada, pelo seu companheirismo, carinho, pelo amor, respeito, obediência e paciência.

Ao amado da minha alma, Eduardo, que com toda sua sabedoria, entrou em minha vida e transbordou demonstrações de amor...único.

As minhas colegas de trabalho e ao mesmo tempo amigas, compartilhando nossos sonhos e ideais: Angélica, Aglaia, Rose, Wanessa, Kátia e Maria Catarina, e meus diretores que acreditaram e acreditam no meu desempenho e trabalho, Klisman e Hiago.

As minhas amigas Dani e Jane, pela simplicidade de seus atos, que me enriqueceram durante toda a vida como pessoa, como mãe e amiga.

Aos meus queridos e amados sobrinhos, Matheus, Mayra, Marcos, Millena, Ana Clara, Rafaella, Isabella, Kleysla, Geysla, Maria Fernanda, Karina, Miguel e Lucas, pela existência e continuação da minha família.

Aos meus irmãos Fábio, Glauber, Régis e Rafael, porque mesmo distantes estão presentes no meu coração.

À minha prima Nadjla Patrícia, porque desde a meu retorno à Brasília, não me desamparou no que precisei além de tudo uma grande amiga.

Às minhas Tias, Luzelena e Cecília (Tia Tite), por terem sido tão especiais, fortes em todos os momentos que precisei delas.

À minha professora Sônia Marise, que desde o início da minha caminhada dentro da UNB, se posicionou como grande amiga, conselheira e além de tudo como uma excelente profissional, que “abraça o mundo”, com muita garra e dedicação.

À todos que de uma forma ou de outra fizeram parte deste momento. Ímpar!

“O conflito entre ética e sexualidade, em nossos dias, não é uma mera colisão entre instintividade e moral, mas uma luta para justificar a presença de um instinto em nossas vidas e para reconhecer neste instinto um poder que procura sua expressão, e com o qual, manifestadamente, não se pode brincar e que, por isso, também não quer se submeter às nossas bem-intencionadas leis.”

(Carl Gustav Jung)



## A Sexualidade Infantil: Desafios e Perspectivas no Currículo Escolar

### **Resumo**

A sexualidade se torna uma questão considerável desde os primeiros sinais de seu desenvolvimento e assim ela se perpetua por todas as fases da vida, não podendo de forma alguma ser separado do indivíduo, pois contém sensibilidade, reflexão e ação, envolvendo a cultura e a história de um povo. Por consequência, a sexualidade tem um significado importante tanto no mundo próprio da criança como no mundo do adulto e a escola como responsável pelo desenvolvimento cognitivo da criança deve se envolver com os assuntos concernentes a sua sexualidade, uma vez que esse tema por ser complexo, se torna também uma busca de conhecimento, não se pode deixar entender como sexualidade apenas a questão biológica. Esta pesquisa teve o intuito de verificar como os professores das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam com a temática sexualidade, se é abordada no ambiente escolar e como é abordada, se não é abordada identificar os motivos que a excluem. O presente estudo tem como metodologia uma pesquisa de campo com abordagem, qualitativa com duas escolas, sendo uma privada e a outra pública. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário constituído de oito perguntas que se intercalaram entre abertas e fechadas. A partir dos dados obtidos, foi possível fazer a interpretação com a construção de gráficos e análise descritiva, percebendo assim, a importância do pedagogo em realizar ações pedagógicas de orientação aos alunos e a necessidade da busca incessante dos educadores por informações e estudos que possam favorecer as suas habilidades e competências, possibilitando aos seus alunos uma aprendizagem reflexiva, esclarecedora e preventiva quanto ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade Infantil.Currículo. Educadores.Orientação.

## ABSTRACT

Sexuality becomes a matter considerably since the first signs of its development and so it perpetuates itself through all stages of life, can not in any way be separated from the individual, because it contains sensitive, reflection and action, involving the culture and history of a people. Consequently, sexuality has important significance both in the child's own world and the world of adults and the school as responsible for the cognitive development of the child must engage with issues concerning their sexuality, since this topic to be complex if also becomes a quest for knowledge, one cannot understand how sexuality only biological question. This study aimed to examine how teachers of the lower grades of elementary school relate to the theme sexuality, if approached in the school environment and how it is addressed, if not addressed identify the reasons that exclude. The present study is a field research methodology approaches with qualitative, with two schools, one private and one public. The instrument used for data collection was a questionnaire consisting of eight questions that are interspersed between open and closed. From the data obtained, it was possible to interpret the construction of graphs and descriptive analysis, thus realizing the importance of the teacher in making pedagogical actions guidance to students and the need for educators incessant search for information and studies which favor their skills and expertise, enabling its students a reflective learning, and preventive enlightening on the subject.

**KEYWORDS:** Childhood Sexuality. Curriculum. Teacher. Guidance.

## SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT -----	8	
APRESENTAÇÃO -----	13	
PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO		
MEMORIAL -----	14	
1.Nascimento e infância -----	14	
2. Ingresso no ensino fundamental – séries iniciais -----	15	
3. Ensino Fundamental séries finais-----	16	
4. Ensino Médio, UnB e UFG -----	17	
5. Pedagogia -----	18	
PARTE II: MONOGRAFIA – SEXUALIDADE INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CURRÍCULO ESCOLAR -----		19
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO		
1- NOTAS PRELIMINARES SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NA MODERNIDADE-----	21	
CAPÍTULO 2: A AÇÃO DO PROFESSOR PARA TRANSMITIR UMA EDUCAÇÃO REFLEXIVA E ESCLARECEDORA		
2.1 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COM O TEMA SEXUALIDADE INFANTIL NO CURRÍCULO DA ESCOLA, DE ACORDO COM OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS -----	32	
CAPITULO 3: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM O TEMA		
3 - METODOLOGIA -----	44	
3.1 - TIPO DE PESQUISA -----	45	
3.2 - SUJEITOS DA PESQUISA -----	45	
3.3 – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS -----	45	
3.4 – ANÁLISE DOS DADOS -----	45	
3.5 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS -----	45	

3.6 – CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO	57
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
APÊNDICE	60
PERSPECTIVAS PARA A MINHA ATUAÇÃO APÓS A GRADUAÇÃO	61
REFERÊNCIAS	63

## **Apresentação**

Este trabalho em resumo tem como foco verificar como os professores das séries iniciais abordam o tema sexualidade na escola de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na Rede de Ensino Particular e Pública do Distrito Federal, bem como estabelecer assuntos relacionados a conceitos e ações sobre os desafios e perspectivas dos educadores dentro do currículo escolar. Para alcançarmos o objetivo proposto, analisamos os pressupostos do referido tema. Durante a vivência escolar, pude perceber que os educadores e alunos sentiam necessidade de transmitir e receber informações sobre o tema abordado, mas, os recursos e por vezes a falta conhecimento passaram a se relacionar com uma abordagem informal, onde ao invés de uma informação transmitida de forma natural, iniciou-se um processo de discriminação e omissão da educação sexual, levando em consideração tabus que são construídos ao longo de anos.

O presente trabalho está estruturado em três partes disposto da seguinte forma: a primeira parte é composta pelo memorial, no qual se apresenta toda a minha experiência escolar até chegar à Universidade.

A segunda parte discorre a teorização do trabalho o desenvolvimento do mesmo, embasando-se nos conceitos e legislação.

Conclui-se o trabalho na terceira parte, com a metodologia utilizada, em que apresento os desafios e perspectivas apresentadas pelos professores, a entrevista, a dinâmica e o que almejo alcançar, após a conclusão do curso de pedagogia.

## **Parte I**

### **Memorial Educativo**

## **Memorial Educativo**

Nasci no ano de 1976, dia 09 de maio as 18h00min, terceira filha de um casal com mais dois filhos, fui muita esperada, pois o sonho dos meus pais era uma menina. Filha do meio, pois depois de mim ainda vieram mais dois. Como era um domingo do mês de maio e no dia das mães e pelo fato de meus pais serem muito religiosos, me deram o nome de Maria Graziela, que significa “Cheia de graça.”

Tive uma infância simples, mais muito feliz.

Minha trajetória escolar começa quando fui gerada, já que minha mãe, professora desde 1970, nunca deixou que sua gravidez impedisse de executar e ministrar suas aulas.

Depois minhas experiências continuaram quando pude perceber dentro do meu contato com as atividades e provas que eram corrigidas por ela dentro de casa, que queria muito ler e escrever.

Mas meu primeiro contato com a escola, foi aos seis anos, quando ingressei para a Pré- escola, na Escola Classe 41 de Taguatinga, onde tive a grande descoberta da leitura, lembro-me que meus dois irmãos mais velhos, estudavam na mesma instituição e faziam questão de verificar meu material para que ficasse completo.

Durante os primeiros anos escolares, permaneci na mesma instituição, e na 3ª série fui aluna da minha mãe, uma alegria imensa, pude além de me inteirar da Língua Portuguesa e também da multiplicação, que me dedico até agora, com bastante vontade de ensinar. Passei para a 4ª série com êxito e conclui como a aluna leitora, afinal, em menos de um ano li doze livros, que relatava num caderninho brochura de capa amarela, com margens feitas de canetinha.

Tive grandes dificuldades no ano que seguiu 5ª série e apesar de meu esforço, reprovei. Como foi triste, mas enfim, reiniciei o novo ano com alegria e disposição onde passei com tranquilidade, assim, nessa escola minha trajetória termina, já que na 6ª série fui para outra escola.

Na 6ª série, fui estudar no CED 04, bem próximo também à minha casa, fiz amigos e claro, me envolvi em namoros e festas, e ao final do ano mais uma reprovação. Minha mãe num esforço constante me mudou de escola e fui estudar na Escola Classe 46, no ano seguinte. Tenho saudades dessa escola, era simples, mas tinha excelentes professores, que não nos viam como alunos somente, mas nos tratavam como amigos, e até nos aconselhavam quando viam atitudes que poderiam nos prejudicar.

Consegui passar para a 7ª série, como fiquei feliz. Minha mãe vendo que eu tinha começado a apreciar e gostar de estudar, pela maturidade que já existia em mim, me matriculou em uma escola particular, ela não media esforços para pagar e mais um ano passei, agora para a 8ª série.

Nessa época fiquei um pouco triste, pois mais uma vez ia ter que mudar de escola, já que meu pai havia ficado desempregado, e minha mãe, que era nossa mantenedora, não podia pagar.

Sofri muito nesse período escolar, em meio aos conflitos, por diversas vezes fiquei sem comer nada o dia todo, porque tínhamos trabalhos para entregar e eu não podia pagar duas passagens no dia.

Enfim, na 8ª série estudei no CED 13, na M norte, em Taguatinga, foi excelente, conheci pessoas maduras, percebi que meus 16 anos, mudaram o pouco o foco das brincadeiras e levei a sério. Participei da formatura, foi um momento motivador, pois percebi que queria mais.

No ano seguinte, mais uma mudança, fui pra o CED 05 em Taguatinga, foi um ano bom, mas fiquei emocionalmente abalada, meus pais já não estavam juntos e tivemos uma série de dificuldades financeiras, às vezes nem tínhamos o que comer, era dureza. Minha madrinha tinha uma loja de cosméticos e vendo nossa situação, me convidou para trabalhar com ela. Como tinha que trabalhar e estudar deixei novamente os sonhos de lado, e desisti de estudar aos 17 anos.

Nesse período, tentei retornar durante cinco anos, por diversas vezes fiz minha matrícula, mas não tinha o mínimo de animo e acabava desistindo.

Engravidei com 21 anos e um mês, que luta, era de alguém que eu não conhecia bem, como foi difícil, não tinha nada, somente um emprego e o desespero de estar ao lado de alguém que mal sabia quem era. A pedido dele, fomos morar juntos, contra a vontade de toda a minha família, já que não tínhamos o mínimo de condições. Ficamos firmes até certo tempo, depois que minha filha nasceu, senti o mundo desabar, não tínhamos dinheiro para nada, era uma loucura. Como tínhamos uma casa para morar em Goiânia, decidimos tentar a sorte, e foi lá que minha vida mudou totalmente.

Cheguei a Goiânia e logo consegui um trabalho num agência de publicidade, como secretária, num primeiro momento tudo parecia muito complicado, mas logo consegui pegar toda a rotina e fazer um diferencial. No primeiro ano, tivemos que lutar muito, mais depois as coisas foram se ajustando. Aprendi muitas coisas novas e foi dentro dessa empresa que senti a



necessidade de ir mais longe, daí também surgiu à necessidade de me capacitar, pois, iria passar para outro cargo dentro da empresa.

Ainda fiquei dois anos enrolando, fazendo alguns cursos, mais ainda não frequentava uma escola. Decidi voltar quando minha filha fez seis anos, através de uma oportunidade de uma escola que abriu o EJA próximo à minha casa, me empenhei, pois era uma caminhada bem longa quase meia hora andando. Passei um ano e meio indo às aulas, onde além de conhecer pessoas me senti bem motivada a prosseguir.

Conclui o Ensino Médio, dentro do EJA, com bastante êxito e entendi que era realmente o momento de me empenhar, acreditei e me formei no ano de 2004. Foi um dia muito interessante, o da formatura, me senti honrada e ao mesmo tempo envergonhada, pois, queria muito já esta me formando numa universidade, foi aí que começou mais uma jornada da minha vida.

No ano de 2005, iniciei meus estudos em casa, todos os dias, mesmo na correria estudava 2 horas à noite, pensando num vestibular na UFG, sai do meu trabalho na agência, depois de cinco anos, e fui trabalhar na secretaria da escola onde minha filha estudava, a convite da diretora.

Meu encanto e fascinação pela pedagogia iniciam-se, neste momento, pois, além de fazer os atendimentos habituais da secretaria, também observava os cadernos de planejamento e atividades propostas pelo corpo docente.

Decidi nesse mesmo ano, encarar e estudar mesmo, fazia todas as coisas da escola e de casa, e logo me apegava aos livros que fui conseguindo emprestado, tive grande dificuldade com Física, Matemática e Química, mais não desisti. Fiquei como ouvinte em algumas turmas de uma instituição próximo à minha casa, e nada atrapalhava meu sonho.

Fiz a inscrição sem contar pra ninguém, me senti muito feliz em dar o primeiro passo, e continuei estudando.

Prestei o vestibular no final de 2006, lembro-me que separei as disciplinas pela ordem da dificuldade, Matemática, Física, Química e Língua Portuguesa, como havia escolhido o Espanhol como língua estrangeira deixou- a por último. Aproveitei meu tempo e realizei tudo com tranquilidade, agora era esperar.

Após, duas semanas, estava no meu trabalho e nem sabia que já tinha saído o resultado, peguei um jornal que um pai havia deixado sobre o balcão da secretaria e comecei a olhar, e imaginem lá estava o resultado, havia passado na primeira fase, quantas alegrias, poucos professores ali, haviam conseguido o que eu estava vivendo.

Passando para a seguinte fase, que era redação, pude me empenhar mais um pouco, fiz várias leituras e escrevi o tempo todo, lia qualquer coisa em qualquer lugar, e a qualquer momento. Logo no final de dezembro fiz a prova, ufa, uma redação daquelas, três temas, e um à escolha. Falei sobre uma ilha chama Vanuitt, onde me encontrava com minha filha, era um passeio nessa ilha, até hoje guardo, pois, ficou muito interessante.

O resultado só sairia em janeiro, por isso, dei uma relaxada e aproveitei meus dias de folga, pondo a casa e a vida em ordem.

Um dia, ao retornar da igreja, minhas vizinhas me chamaram e eu parei o carro para conversar com elas, foi quando me contaram que havia saído o resultado da UFG, e que tinham certeza que meu nome estava na lista, nossa, quanta alegria!

Fiz minha matrícula, paguei com muito esforço, pois na época era cinquenta reais por semestre, e comecei a estudar no ano de 2007. Foi incrível iniciar as atividades, e logo a diretora da escola onde trabalhava me convidou para ministrar as aulas para as turminhas do Jardim I, que experiência, e logo no primeiro semestre!

Aproveitei muito este momento, me empenhei nos trabalhos, estudava até de madrugada, logo o reflexo vinham em minhas notas. No segundo semestre, me divorciei e aí as coisas ficaram meio complicadas, minha saúde ficou debilitada, e mesmo naquela situação prossegui, sofrendo, mais feliz, pois sabia que meu futuro seria brilhante.

No final de 2008, com as minhas dificuldades de manter uma casa e minha filha praticamente sozinha, resolvi vir para Brasília, onde minha família toda morava. Aí surgiu mais um desafio, que era o de passar na transferência facultativa da UNB, então, tranquei a UFG e vim pra Brasília estudar. Na primeira prova que era como de um vestibular, não obtive êxito, e como estava trancada na UFG, estudei durante seis meses para uma nova tentativa, que desta vez foi maravilhosa, pois a prova era exatamente específica, sobre todo o conteúdo dentro da área de Pedagogia. Passei.

Daí, em julho de 2009, ingressei na UNB, cheia de dúvidas, mais com grande expectativa. Passei por dificuldades constantes, devido à distância, por vezes tranquei disciplinas, pois, tinha que trabalhar e cuidar da minha filha. Também tive problemas sérios de saúde, e em meio a essa jornada perdi minha mãe, no ano de 2011. Depois deste fato tive muita dificuldade, além da perda, aprendi a ter que me virar, pra cuidar da filha, sustentar a casa e estudar. Entrei em pane, mais, Deus me ajudou.

Minha trajetória na UNB é bem densa, pois pude contemplar de muitas disciplinas diferentes, mas por várias vezes me deparei com o mesmo conteúdo, o que acaba deixando-

nos um pouco desmotivado, aprendi muito nessa vivência, passei por duas greves bem memoráveis, pelo fator tempo, pois foram muito intensas.

Para chegar ao tema da monografia, apresentei um artigo no Projeto 4, junto à professora Sonia Marise, com o tema Sexualidade Infantil: Um tabu a ser discutido, onde relatei experiências em escolas públicas do Brasil, mais precisamente nos estados de Goiás e Distrito Federal. Nessas experiências havia sempre alguns fatores relevantes e que se destacavam. Esse dado construído no artigo o que mais me chamou atenção foi a dificuldade de interação da escola e família acerca do tema.

Depois, no 6º semestre, fiz Gênero e Educação com a Professora Drª Vivian Weller, uma disciplina que me ajudou realmente a focar nessa defesa.

Passados seis anos de luta, busco agora trilhar outros caminhos, sei que poderia ter me formado em 4 anos, ou talvez nem me formado, tirei disso um início para uma vida vitoriosa e feliz, aprendi que devemos lutar mesmo por nossos ideais, sem se preocupar com a idade, com os fatores internos e externos, que tudo tem um propósito e que nada, muito menos a nossa vida pode ser uma folha em branco. Escrever uma história, viver essa história, e o mais importante, que independente de qualquer fator, o melhor dessa vida é desfrutar das conquistas e ser feliz!

## **Parte II**

### **MONOGRAFIA**

#### **A Sexualidade Infantil: Desafios e Perspectivas no Currículo Escolar**

## **CAPÍTULO 1**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **1 - DISCUTINDO SOBRE SEXUALIDADE**

Desde o surgimento do homem na terra, ele vem apresentando uma característica própria no uso das práticas sexuais. Um exemplo que nos toma diferentes de outras espécies é o fato de as fêmeas - as mulheres - mostrarem-se receptivas aos desejos sexuais de seus companheiros ou parceiros, estando em seu período fértil ou não. Há tempos pode-se associar a sexualidade ao condicionamento de fatores sociais e psicológicos.

De acordo com as ideias de Pascual e Martinez (1998, p, 90) a sexualidade não é só sexo e nem pode ser definida como uma diferenciação de macho ou fêmea, mas sim como todo um conjunto de circunstâncias fisiológicas que vai além. Eles afirmam que:

A palavra *sexus* é de origem romana provavelmente derivada do verbo latino *secare*, "separar", "cortar". Durante séculos referiu-se exclusivamente ao gênero masculino e feminino, e foi no século XVIII que o substantivo "sexo" e o adjetivo "sexual" começaram a incluir em sua definição o conceito de reprodução junto ao de gênero.

Observa-se que a sexualidade é algo que se desenvolve com o tempo onde fatores externos podem influenciar individualmente cada ser humano.

Os povos gregos praticavam a sexualidade de outra forma, era comum o amor entre sujeitos do mesmo sexo, a homossexualidade era tratada com reverência; o Lesbianismo também, O sexo era realizado muitas vezes para satisfazer à curiosidade da depravação ou anormalidade. (PINHEIRO, 2008)

A virgindade nesta época não era importante, ela só passou a ter um relevante apreço quando começou a ser comercializada pelos ricos, onde estes pagavam dotes e queriam a sua "compra" intacta, neste período, entre os séc. IV e XV, é que a virgindade passou a ter prestígio na sociedade em geral. A virgindade é ainda hoje tratada pelas religiões como uma conduta comportamental, é um tema ainda de grande polêmica, mas suportou grandes mudanças ao decorrer do tempo. (SOMMER, 2005).

Freud (apud BOCK, 2002, p, 229) apresentou em seus trabalhos o desenvolvimento da sexualidade da criança como natural, por surgir desde bem cedo - aproximadamente ao nascer, quando iniciou suas buscas sobre o assunto no que dizia respeito à parte da psicologia,

foi um motivo de grande euforia na época, pois se acreditava que era na puberdade onde tudo se iniciava, visto que era esse o período de grande provocação dos hormônios sexuais.

O psicanalista concorda em um pensamento comum aos outros estudiosos da época - que enquanto criança, ela não estaria pronta para a reprodução, o seu corpo infantil não estaria preparado para alojar outra vida, diz ainda em seus estudos que a luta por continuidade à vida depois do nascimento é apontada em vários momentos de prazer que a própria criança irá descobrindo conforme o amadurecimento. ((Ele começa tentando provar sua tese diante do fator primordial que acontece a todo recém-nascido) o reflexo de sucção, esse momento, para o autor) é seguido de uma satisfação do simples toque da boca da criança ao seio da mãe. A descoberta do contato de seu dedo à boca ele chama de erotismo, já não é mais o mesmo prazer sentido ao mamar, para de é outra expressão de prazer.

A criança estará sempre na busca daquilo que lhe é prazeroso, a procura instintiva do prazer, sobretudo sexual, conhecida como libido, este período marca o início da vida e a chegada da adolescência. Esse é um processo lento, ela precisa aprender outras fases da vida também como: engatinhar, andar, etc, conforme a criança vai crescendo em torno dos cinco anos, mais ou menos, ela já vai adquirindo a definição da sua sexualidade. A partir desse momento até a puberdade, ela passa a deixar de lado o que lhe dá prazer em suas ligações ao pai e a mãe - chamada relação parenta! - e parte para a busca do prazer fora do seio familiar.

Freud (apud BOCK, 2002) reafirma que sexualidade surge no indivíduo prematuramente e suas primeiras revelações não é de natureza genital, é a exposição do começo de uma estruturação de desejo, que depois se transformará em necessidade sexual, às essas revelações chama-se sexualidade e o termo sexo já abrange uma ideia mais exata, precisa.

A psicanálise entende a força sexual como algo necessário e inerente ao homem, este precisa dela para sua interação ao meio para suas produções, ou seja, é uma energia incessante responsável pela procriação da civilização, esta colocou limitações que acabaram desviando o uso da energia sexual para estes propósitos e não somente o relativo ao sexo em geral. A esta mudança de posição, partindo do conceito social, chamou-se "sublimação".

O sistema capitalista por causa da exploração da força de trabalho desviou a energia sexual do homem para a produção, isto é “dessexualizou o homem e canalizou boa parte da sua energia para a produção de riquezas de acordo com o interesse da classe dominante”. Para a dominação da sociedade foi preciso criar a repressão que para Marcuse é a "mais repressão", a própria civilização colocou proibições e levantou tabu acerca da sexualidade. O menino crescera coagido a agir de acordo consigo e com os pensamentos da sociedade, passou a ser

mais forte poderoso e experiente, já a menina, crescem com as dúvidas e medos que imperam até hoje sobre gravidez, virgindade e falta de experiência.

Hoje, é comum ver e ouvir a todo tempo assunto e cenas de sexo na tevê, como as relações sexuais, homossexuais, as traições, mas não quer dizer que a isso se dá o nome de liberdade sexual é sim algo natural onde a própria sociedade consentiu esse tipo de comportamento, mas sem uma boa orientação de nada adianta a naturalidade dos fatos e sem ela teremos mais pessoas ao mundo sem entendimento, sem noção de como realizar as suas relações com prazer e inteligência. (BOCK, 2002. p. 229).

A sexualidade faz parte do ser humano e está presente desde o momento em que nascemos. Ela se desenvolve no contato com os pais, no modo como eles cuidam do bebê, no modo como brincam com ele, do jeito que se relacionam com ele. Ao longo da vida, nossa sexualidade vai se manifestando de maneiras diferentes.

Quando falamos de sexualidade, o receio, a vergonha, a falta de informação e a insegurança permeiam o assunto dificultando o diálogo necessário, principalmente quando se trata de nossos filhos. No entanto, a sexualidade faz parte do desenvolvimento natural da criança e quanto maior a orientação, maior os benefícios de uma formação saudável e educativa.

Sexualidade não é sexo e sim tudo aquilo que está relacionado ao processo de conhecimento e experimentação do próprio corpo. Quando falamos de crianças, não estamos falando de curiosidade e não de malícia. A malícia está no olhar estereotipado e erotizado do adulto. A criança, pelo contrário tem curiosidade em relação ao mundo, às coisas e a si próprio. Percebe que tem um corpo e possui delimitações concretas que constroem o seu ser. Sendo assim, é esperado que se conheça e experimente seus limites através de suas vivências.

*Para Guacira Louro, "é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico". (LOURO, apud SABAT, 1997, p. 21.).*

Então, desde que o mundo é mundo, a sexualidade é parte essencial da vida do homem. Tem ocupado lugar na mitologia, na filosofia, nas artes, em toda forma de representação e conhecimento humano, inclusive, mais recentemente, nas Ciências.

A educação da sexualidade é um processo que ocorre desde o nascimento até o perecimento do corpo. É sempre possível tornarmos a nossa sexualidade mais saudável e harmonizada. O importante é tentar sempre oferecer o melhor na educação sexual aos alunos e filhos. E, acima de tudo, lembrar sempre que, dependendo da atitude dos pais, educadores e família, aprendem se sexo é bonito ou feio, certo ou errado.

A criança descobre o mundo na sua relação com ele. Percebe no contato com outras crianças que há uma diferença corporal. Depois percebe que há diferenças sociais e essa percepção ganha maior complexidade no decorrer da vida. Esse é o movimento natural de crescimento de qualquer ser humano. Sente a necessidade de descobrir coisas novas e recorre a diferentes fontes de informação.

Várias podem ser as razões que levam os adultos a ter dificuldades em compreender e aceitar as manifestações da sexualidade infantil. Dentre elas, destacamos o próprio processo de educação sexual que, com a maior parte das pessoas, aconteceu de forma repressiva e silenciosa.

*“Muitos pais costumam transmitir suas próprias angústias, preconceitos e neuroses enraizadas para os próprios filhos. Por isto considero extremamente importante uma boa educação sexual.” (Hellmann, 2006c)*

É importante que as questões da criança tenham espaço para serem colocadas e respondidas com clareza e simplicidade, na medida em que esta curiosidade vai aparecendo. Às vezes, alguns pais querem se livrar logo do assunto e, com ansiedade disparam a falar além da necessidade da criança, na tentativa muitas vezes frustrada de que nunca mais vão precisar falar do assunto.

A família, que deveria ser responsável por esse encaminhamento, não se sente preparada o suficiente para abordar o assunto não propiciando uma abertura para a conversa em casa. Sendo assim, os pais transferem para escola mais essa responsabilidade.

O educador inclui os adultos que estão na relação com a criança e são extremamente importantes. Ocupam o horizonte social da criança e são as maiores fontes de informação e



valores, além de serem importantes modelos a seguir. Inclui tanto professores quanto pais e mães. Tratando-se de sexualidade, o diálogo franco e aberto irá favorecer seu desenvolvimento e sua vida sexual na fase adulta e irá favorecer também um comportamento aberto e honesto por parte da criança.

*“Podemos vivenciar nossa sexualidade de forma extremamente benéfica e positiva para um desenvolvimento sadio, desde que feito com muito amor. Reprimir é anular a si próprio. Respeitar, aprender a sentir e escutar as mensagens que seu corpo transmite proporcionará uma elevação da auto-estima. É preciso saber se amar para aprender a amar o outro. Amar o outro é doar-se.” (Hellmann, 2006b)*

A sexualidade sempre foi um tema de difícil discussão, sobretudo para crianças e adolescentes. A curiosidade, a percepção das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descoberta das carícias e a fonte incontestável de prazer que o sexo representa, fizeram do assunto um tabu e algo que “não é conversa para crianças” contribuindo ainda mais para aguçar a imaginação de cabecinhas sedentas por informações. Os educadores das séries iniciais e do ensino fundamental enfrentam, durante o exercício de sua função, um grande desafio: A sexualidade infantil. A questão torna-se um desafio devido à ausência deste tema na maioria dos currículos e durante a formação dos educadores de qualquer área das ciências.

Os especialistas no assunto admitem que as dificuldades remontem à formação dos pais ou educadores, que também não tiveram o devido esclarecimento quanto a esta questão, não apenas no sentido de conhecer, mas em função da forte repressão incutida há muitas gerações, o que concretizou o tabu sobre sexualidade.

Segundo a sexóloga Marta Suplicy (1983),

*“o primeiro passo para quebrar o tabu generalizado contra a sexualidade é poder falar dela numa boa. As atitudes negativas frente ao sexo têm um peso muito maior do que a ignorância. Tanto é que as pessoas pouco informadas, do índio ao caipira, podem ter uma*

*vivência sexual plena com pouca informação. É a repressão que deforma a vida sexual e emocional das pessoas.”*

“*Só informar não basta.*”, continua a sexóloga Marta Suplicy. A expressão da sexualidade deve ser encorajada desde a infância, partindo de princípios, tais como:

*“O respeito por si próprio e pela sua dignidade como pessoa”.*

*O respeito ao outro. A ninguém é permitido ver o outro somente como meio para satisfazer suas necessidades.*

*O acesso à informação. Responder o que a crianças quer saber de forma honesta e não preconceituosa.*

*Ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica. “Através da não supressão da curiosidade e do estímulo ao questionamento a criança desenvolve a capacidade de raciocínio, adquirindo condições para refletir sobre o que a cerca e escolher o que lhe convém.” ( Suplicy, 1983).*

Esses princípios juntos evidenciam o respeito à verdade, à igualdade e ao livre arbítrio de cada indivíduo.

Buscamos conhecer os saberes e fazeres dos educadores sobre a sexualidade infantil, que são ensinados para as crianças, por meio de instâncias e práticas oriundas das pedagogias escolares. A prática docente na educação infantil lida, no dia-a-dia, com experiências problemáticas que levam os educadores a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores relativos ao sexual, quando se deparam com situações oriundas das crianças regidas por uma “vontade de saber” (FOUCAULT, 2005, p. 14).

As crianças trazem para a escola situações inusitadas nos mais diversos campos de conhecimento, incluindo aquelas relativas à sexualidade promovendo, nos educadores, sentimentos de desconhecimento e impotência no confronto e questionamento sobre essas vivências.

Percebemos educadores vulneráveis, sem orientação e preparo para enfrentar os choques e os desafios relativos à sexualidade das crianças que aparecem no cotidiano da escola. Como auxiliá-los? Necessitam de informações, conhecimentos, explicações?

Evidenciamos, muitas vezes, docentes que carregam marcas de angústias e constrangimentos sobre o tema sexualidade e sentem-se impedidos de transgredir deliberadamente uma consciência que desafia a ordem estabelecida na escola que, muitas vezes, reprime as energias inúteis dos hábitos solitários (FOUCAULT,1977), a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares das crianças.

O processo de escolarização dos corpos esclarece Louro (2001, p. 17), educa a sexualidade das crianças por meio de pedagogias, muitas vezes sutis e discretas, nem sempre explícitas ou intencionais, mas não por isso menos eficiente e duradoura. Os educadores, na interação com as crianças, aparecem como coadjuvantes responsáveis não só pelo processo de ensinar como os saberes são representados, mas também pela construção individual e social da identidade dos alunos.

Investigações científicas, como a de Reis (2002), têm evidenciado nas falas de educadores, construções que carregam em si marcas de sofrimentos e silenciamentos sobre um sexual marcado pelo puritanismo moderno imposto por um controle onde, supostamente, “não há nada para dizer, nada para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1977, p. 10).

A escola, por sua vez, é um verdadeiro palco onde as crianças e a equipe pedagógica exibem peculiares formas de vivenciar suas sexualidades porque cada um vive as experiências e os eventos cotidianos e coetâneos de uma forma própria e bastante singular.

Diferente do que muito ainda hoje se considera como normal e natural, a sexualidade não é dada pela natureza e, assim como o saber, também é construída social e culturalmente.

A sexualidade tem um caráter dinâmico e mutável não apenas pelas particularidades de cada cultura, mas também pelo modo singular com que cada pessoa assimila a tradição social por meio dos seus rituais, suas linguagens, suas fantasias, suas representações, seus símbolos e suas convenções (LOURO, 2001).

Como principais reflexões do estudo, destacamos que, embora possa se considerar relevante a importância do trabalho com o tema da sexualidade junto aos alunos do ensino fundamental, prevalece, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas práticas docentes, uma visão biologizante da sexualidade, descolada dos condicionantes econômicos, sociais, políticos e históricos que envolvem o tema e que determinam a questão do respeito ao corpo, do prazer e do sujeito de desejos, portador de perspectivas e de sonhos. Além disso, segundo os professores entrevistados, os currículos de cursos voltados para a formação inicial e continuada dos docentes desconsidera o tema da sexualidade, o que dificulta um trabalho teórico e prático cientificamente fundamentado, capaz de enfrentar os tabus, os preconceitos e

a forma a-histórica com que a sexualidade humana é predominantemente abordada socialmente.

Diante dessa realidade, apontamos à necessidade da problematização do tratamento transversal do tema e a importância de se abordar a questão da sexualidade, ampliando sua compreensão como uma das dimensões humanas, articulada às relações sociais e históricas, ao invés de reduzi-la à ideia de sexo, como tem prevalecido. A desconsideração dessas relações, nos cursos de formação inicial e continuada de docentes do ensino fundamental, pode contribuir para a continuidade da prevalência de tabus, preconceitos e marginalização social dos sujeitos.

Na década de noventa, com a aprovação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, oficializa-se a proposta do trabalho pedagógico acerca da Orientação Sexual, com a sua introdução como Tema Transversal no currículo oficial, configurando-se em um novo desafio para as escolas e seus profissionais, visto que, a partir de então, a responsabilidade da discussão sobre a sexualidade é atribuída também à escola.

A perspectiva metodológica orientadora da proposta é o tratamento das temáticas sociais na escola sob a ótica da transversalidade, perpassando o conjunto das matérias curriculares. “Todas as disciplinas tratariam, de acordo com sua área do conhecimento, dos temas transversais” (NUNES e SILVA, 2000, p. 63). O objetivo da transversalidade da Orientação Sexual seria, então, romper com a característica apenas biológica direcionada a esta, sobretudo nas aulas de Ciências e com recortes reduzidos e limitados. No entanto, o conceito de transversalidade dos PCNS ainda não foi apropriado pelos professores, pois ainda habita entre os mesmos a aceção de que *a sexualidade é conteúdo de ciências*.

A partir disso, a indagação pertinente seria como os professores, sem preparação teórica e metodológica, materializarão no seu cotidiano a orientação sexual? Não nos parece coerente, nem necessário culpabilizar o professor por essa carência, mas sim, reconhecer que mais uma vez a escola é bombardeada pelas políticas educacionais, sem condições de praticá-las de uma forma emancipadora do aluno. Cabe ressaltar que os próprios professores foram educados socialmente, considerando que a sexualidade constitui-se num aspecto da vida pecaminoso, proibido e negado.

A Orientação Sexual oficializada nos Parâmetros Curriculares Nacionais não se constituiria em mais um dispositivo da sexualidade criado pela sociedade, a fim de controlar o aluno, futuro cidadão? Para atingir o controle desejado, é fundamental que os alunos revelem suas vivências, seus pensamentos e sentimentos a respeito da sua sexualidade. Convivemos,

na sociedade atual, com “a polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” (FOUCAULT, 2005, p. 28).

A verdade é que o recém-nascido já traz com ele a sexualidade. Certas sensações sexuais lhe acompanham o desenvolvimento através do período de lactação e da época infantil, sendo bem poucas as crianças que chegam à puberdade sem passar por atividades e sensações sexuais (ibid., p. 15).

Os primeiros conceitos de sexualidade infantil datam do início do século XX (SAYÃO, 2006), no entanto, estes são desconhecidos pela maior parte dos profissionais que atuam diretamente com as crianças, inclusive os professores:

*Ainda não trabalho essa temática, porque leciono para a segunda série, as crianças são muito novinhas, acredito que os professores da quarta série em diante irão trabalhar. A sexualidade, então, vista como interdito, recebe intensas elucidações fantasiosas na sociedade, para que as crianças “não percebam” antecipadamente as “impurezas” existentes sobre o sexo. Outro aspecto comum no cotidiano é o sexismo; os estereótipos referentes ao masculino e feminino, por exemplo, a cor rosa para as meninas e o azul para os meninos, ou, ainda, para elas se oferece o mundo doméstico, a maternidade e o embelezamento; já para eles, a competição, a agressividade e o raciocínio lógico. “Essas heranças culturais são transmitidas pela sociedade, ou seja, pela família, pelos amigos e pela escola. O que não quer dizer que sejam verdades, se entrarmos fundo no estudo da sexualidade humana” (BIAGIO, 2005, p. 33).*

Aqui gênero refere-se às expectativas sociais em torno do ser homem ou mulher, e que variam de cultura para cultura e de época para época (DE BIAGIO, 2005, p. 34). Em síntese, gênero pode ser compreendido como sexo sociológico, abstém-se diante das indagações infantis, por não saber lidar com estas. Nerea, com base nos estudos de Freud, afirma que:

*O que leva os adultos a observar essa conduta de dissimulação para com as crianças é, antes de tudo, a hipocrisia corrente, a própria má consciência formada a respeito da sexualidade e ainda certa ignorância teórica que pode ser devidamente remediada (NEREA, 1941, p. 14).*

Nesse percurso de explicações, as crianças acabam por ficarem mais curiosas, pois as explicações não dão conta da sua curiosidade. As lacunas explicativas podem causar reações

contrárias das esperadas pela escola e pela sociedade. No intento de proteger a criança do mundo real, o adulto comete o equívoco de esconder a própria vida.

Para Freud, segundo Nerea (1941, p. 14), “ocultar os fatos da vida sexual como procedimento para conservar a pureza das crianças, é o que há de mais errado, pois só o fato de se lhes ocultar a verdade, é incentivo para averiguações”. O mistério que circunda esse componente da vida humana serve para aguçar a curiosidade e imaginação infantil. Só seria possível esconder a verdade acerca da vida sexual das crianças se essas vivessem totalmente isoladas da sociedade e da própria família. O nascimento de um novo membro da família provoca indagações nas crianças, as quais devem ser respondidas com veracidade.

As questões relativas à sexualidade, ao corpo, aos desejos, ao sexo estão mais acessíveis à população de um modo geral, principalmente pelas ideias, imagens e modelos propagados pela mídia. No entanto, o que chama atenção e intriga é a compreensão velada de sexualidade detrás da sua popularização e, ainda, os motivos disso ocorrer.

A sexualidade encontra-se nas ruas, nas novelas, nos filmes, nas revistas, em casa. No entanto, ainda é a família o lugar onde a natureza se objetiva e tem sido o núcleo de desenvolvimento da cultura, pois é nela que homens e mulheres nascem, vivem, se reproduzem e morrem, ocorrendo aí o processo de continuidade das gerações. Portanto, não se nega que “[...] a família se tenha tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor; que a sexualidade tenha como ponto privilegiado de eclosão, a família” (FOUCAULT, 2005, p. 103). Em alguns casos, a influência da família no desenvolvimento da sexualidade infantil nem sempre produz consequências benéficas, pois, *os pais demonstram insegurança e medo a respeito da sexualidade e passam isso aos filhos, os quais muitas vezes chegam à escola com informações errôneas*. Nesse sentido, pactuamos com Foucault, quando diz que: [...] foi na família “burguesa”, ou “aristocrática”, que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional da correção (FOUCAULT, 2005, p. 114).

Considerando a família como primeiro local de educação sexual, cabe aos professores abordar a sexualidade sem perder de vista que as imagens e as representações trazidas pelas crianças e pelos adolescentes que são carregadas de sentidos e percepções individuais e sociais, construídas com base no convívio familiar. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola acerca da Orientação Sexual não tem a possibilidade de substituir o papel da família.

Partindo do pressuposto que a sexualidade inicia-se com o nascimento e percorre toda a vida da pessoa, ela sempre esteve presente na escola, mesmo quando esta se esquivava daquela. “Seria então, a orientação sexual a única maneira de a sexualidade fazer-se presente na escola? Qualquer um que frequente ou tenha frequentado esse espaço poderá muito rapidamente responder negativamente essa questão” (ALTMANN e MARTINS, 2007, p. 132). No processo de escolarização, além da apropriação dos conteúdos escolares, a sexualidade e os corpos dos alunos também são educados, através de pedagogias discretas e sutis, nem sempre explícitas. O espaço escolar, o horário, a distribuição das carteiras e dos alunos disciplinam ou ao menos tentam discipliná-los. Isto nos permite supor que a escola marca a vida do aluno muito mais pelos acontecimentos cotidianos do que pelos conteúdos programáticos.

A negação pela escola da sexualidade infantil é aqui compreendida como uma forma de violência totalitária, pois é exercida por um órgão burocrático e estatal com o intuito de garantir a ordem estabelecida.

## **CAPÍTULO 2**

### **AÇÃO DO PROFESSOR PARA TRANSMITIR UMA EDUCAÇÃO REFLEXIVA E ESCLARECEDORA**

#### **2.1 - A importância do professor com o tema sexualidade infantil no currículo da escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais.**

A abordagem curricular oficial da Orientação Sexual, explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem como preocupação central diminuir a gravidez precoce e o risco da contaminação de Doenças Sexualmente Transmissíveis, principalmente a AIDS. Mas, a sexualidade se reduz apenas ao aspecto biológico, à saúde? Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997) publicado em seu volume 10.2 que trata da orientação sexual diz que este tema deve ser tratado pela família, pois é em seu lar que a criança construirá sua sexualidade, mas por outro lado também afirma que a escola, por ser uma instituição que transmite informações e valores sociais poderá contribuir para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

Entendemos que as questões relativas à sexualidade, ao corpo, aos desejos e ao sexo abarcam também as questões culturais, sociais, históricas, entre outras. Esses elementos encontram-se presentes na redação do documento, porém transformam-se em retórica, uma vez que o currículo se justifica pela ótica da saúde pública e moral sadia. A experiência tem nos revelado que [...] a abordagem da sexualidade numa propositura reducionista, curricular e restritiva, calcada em noções higiênicas e médicas tem mostrado seus limites para uma mudança ético-comportamental de cunho emancipatório, capaz de inferir responsabilidades sobre seus desdobramentos e consequências.

Noções de biologia, anatomia humana, comparações entre reprodução animal e o fenômeno humano de nascer revelam as incompreensões e os desencontros de uma mentalidade fria e cartorial, retrato desfocado de uma sociedade mecânica e deserotizada (NUNES e SILVA, 2000, p. 108).

Outra controvérsia reside no fato de que, apesar da exaltação do tema da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais, este é tratado como independente da potencialidade reprodutiva da espécie humana. Além disso, inexistente nos Parâmetros Curriculares Nacionais uma manifestação da importância do prazer, questão intimamente relacionada à sexualidade. Ao contrário, a abordagem atribui demasiada atenção às precauções relativas ao sexo, o que



pode ser compreendido como uma forma de exercício da violência totalitária, conforme pontuamos anteriormente.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a vinculação entre sexualidade e prazer é mediada pela ideia da responsabilidade, o que reforça a perspectiva da saúde pública e da moral sadia orientadora do tema transversal. Dessa forma, o anúncio da possibilidade da vivência prazerosa da sexualidade pelos alunos (BRASIL, 2000) constitui-se numa utopia, visto que tal vivência é antes um risco do que uma forma efetiva de manifestação da sexualidade como significativa dimensão humana.

Na escola, o significado e a expressão do que seja responsabilidade ganha outra conotação, também problemática, quando o professor, em sala de aula, expõe a imaturidade do aluno e repreende suas manifestações. O prazer fica sempre ligado à responsabilidade, mas uma responsabilidade que o aluno não tem ao fazer algo que lhe é proibido: o sexo. Se ele não tem responsabilidade, onde fica o prazer? Prazer este tão negado pela sociedade, não só aos adolescentes, mas para todos. Aliás, o prazer não é o objetivo fundamental da escola.

Existem escolas que compreendem palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis e sobre a menstruação e a higiene nesse período, como o trabalho acerca da sexualidade; outras entendem que tratam do tema quando “apenas fazem um atendimento pessoal, sigiloso com o aluno tipo ‘conversa com o diretor’, ‘contato com os pais’, quando surgem comportamentos considerados inadequados” (GUIMARÃES, 1995, p. 19). Em nossa definição, o trabalho pedagógico acerca da sexualidade ultrapassa os aspectos e episódios citados. A escola necessita abordar com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições sociais acerca da sexualidade, como também suas representações sociais. Trata-se não apenas de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem, mas, principalmente, de criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado.

Os professores e os demais profissionais, mesmo sem perceber, transmitem valores relacionados à sexualidade no seu trabalho, nas atitudes cotidianas, nas relações que estabelecem com os alunos, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas por eles, ou ainda pela expressão corporal perante as indagações infantis. Por exemplo, se um professor disser que uma relação sexual entre um homem e uma mulher deve ocorrer apenas após o casamento, ratificará valores específicos: sexo heterossexual após o casamento, com o objetivo da procriação.

A sexualidade envolve pessoas e, conseqüentemente, sentimentos que precisam ser percebidos e respeitados; também abarca crenças e valores construídos num determinado

contexto sociocultural e histórico. Nada disso deve ser ignorado quando se debate a sexualidade na escola. O diálogo entre a escola, aluno e família precisa pautar-se no intercâmbio de ideias, de valores, de questionamentos e não no julgamento moral, como tem prevalecido. Uma das maiores dificuldades no trabalho com a sexualidade consiste exatamente nos *preconceitos e tabus gerados pelo assunto, tanto entre os professores, como entre os pais. Ambos não têm conhecimento sobre o assunto.*

Há necessidade de que pedagogos e professores tomem conhecimento dos valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo. Além disso, é necessário que esses profissionais identifiquem e revejam, ou assumam claramente, os preconceitos que embasam esses comportamentos e essa visão. Em quaisquer casos, devem reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos antagônicos aos seus. Este tipo de postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate, sem a imposição de valores específicos. Os professores devem permitir aos seus alunos acesso a todas as discussões possíveis sobre a sexualidade ou qualquer tema referente ao seu cotidiano. Que eles próprios respeitem a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantam o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas.

A escola deve atentar para as díspares formas de expressão dos alunos, que podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão ou compreensão do tema sexualidade. Embora os depoimentos colhidos permitam identificar ações que demandam atitudes e interferências dos professores em relação à sexualidade, tais intervenções carecem de uma compreensão ampla das manifestações da sexualidade infantil, que são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano.

A materialização da proposta da Orientação Sexual nas escolas, pautada numa concepção ampla de sexualidade, tem um fator essencial: a formação do professor.

Uma das maiores *dificuldades é a preparação do professor, pois essa temática exige muito mais do que uma exposição teórica de algumas explicações orgânicas e funcionais.* Outra limitação que pode ser apontada é *a falta de material e atividades adequadas.* A ausência de uma ampla formação dos professores, de planejamento e de materiais apropriados incorre no risco de tornar o trabalho com a temática da sexualidade essencialmente repressivo e castrador, uma vez que fica sujeito a noções pautadas no senso comum e carregadas de tabus e preconceitos.

Nesse sentido, concordamos com Nunes e Silva (2000, p. 65) quando afirmam que: “Ainda não temos oportunidades institucionais suficientes e condições materiais efetivas para

preparar os professores que irão assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana”. As redes de ensino necessitam de políticas de capacitação e a identificação das diferenças corporais entre meninos e meninas, os professores comumente sentem-se obrigados a algum tipo de intervenção.

Embora os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais defendam a necessidade de formação específica dos educadores para a abordagem do tema da sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no seu trato (BRASIL, 2000, p. 123), percebemos que, passados quase dez anos da aprovação dos PCNs, há ainda certa resistência em incluir no currículo dos cursos de formação de professores a temática Orientação Sexual.

A sexualidade é inerente à vida humana e agora “oficialmente” incorporada no currículo escolar. Sendo assim, cabe aos profissionais da educação, juntamente com outras instituições sociais, definir de que compreensão de sexualidade se trata. Ultrapassar os muros da explicação biológica e superar o caráter mercadológico da sexualidade é um dos grandes desafios para quem acredita na sexualidade como expressão de vida.

*Os profissionais da educação e áreas afins sentem a importância de se discutir sobre a sexualidade por que a humanidade tem passado por fases de evolução em todos os sentidos, o emocional e cultural foram os que mais evoluíram, a sexualidade não se refere apenas a questões orgânicas.*

*Falar sobre esse tema está muito além de mostrar as diferenças do gênero entre o homem e a mulher, é importante que se ensinem à risca as vantagens e desvantagens, cada uma há seu tempo. Uma criança de sete anos não precisa saber o que uma de 12 precisa, mas tem de começar a ter noções de como tudo se desenvolve e como se aplica.*

A orientação sexual se caracteriza por uma intervenção na educação sexual das pessoas para gerar novas respostas. Não basta o professor falar sobre sexualidade. É necessário alterar a sua cultura sexual e prepara-la para, identificar as necessidades dos alunos, fazer o diagnóstico da situação, definir os objetivos, identificar os resultados esperados e traçar uma estratégia de intervenção (VILELA, 2008).

Para que essa possibilidade aconteça seria importante a transformação do professor em orientador sexual também, todos os professores passariam por esse processo, pois as curiosidades e as questões fora de um contexto surgem a qualquer hora e em qualquer situação, independente da pessoa. A educação sexual tem de ter a participação da sociedade e a corroboração das disciplinas, intercalando-as.

A escola seria um dos locais mais adaptados para a orientação, por ser um local onde transitam um número significativo de crianças diariamente, durante todo o dia, por um período muito extenso de sua vida. A escola é o lugar aonde as crianças vão formalmente aprender questões sobre o cotidiano, vivência e a confirmação de valores para uma melhor qualidade de vida, nesta fase escolar a criança já chega a seu ambiente sabendo trabalhar socialmente e com uma vida afetiva já determinada ficando mais fácil assimilar conteúdo, comandas e exposição de ideias. Uma criança que chega a escola e que não apresenta essas questões de afetividade já resolvidas elas podem crescer desenvolvendo ansiedade e uma grande dificuldade em resolverem seus conflitos, tornando-se adultos incapazes de lidar com suas próprias emoções e sexualidade.

Diz-se por intervenção, o processo de mediação do professor que se entende ser adquirido no momento em que este decide por sua vocação, sendo indispensável que ele saiba o que está transmitindo e para quem servirá. A partir da resposta do aluno, o professor saberá identificar quais os principais problemas e o que ofertar, em tomo das dúvidas e curiosidades.

Vilela (2008) aponta três modalidades propostas para que a escola escolha da melhor forma, o tipo de orientação:

Orientação sexual como tema transversal programado: Onde a percepção, propósito e teor estão introduzidos nas distintas áreas do conhecimento que trata a sexualidade por meio do próprio argumento de trabalho. Se o tema for falar de prevenção da AIDS, expõe-se o que deverá ser tratado ou apresentado, divide-se por série e disciplina e vê-se então onde e com o quem cada uma poderá colaborar.

Orientação sexual não programada: Inserem-se as questões referentes ao cotidiano, por exemplo: quando uma criança insistentemente fica tocando as genitais na sala de aula frente a seus colegas de sala, nesse momento o professor tem de apresentar conhecimento e maturidade para saber trabalhar e explorar este momento trabalhando as partes do corpo e já neste momento trabalhar também os comportamentos sociais diante do público em geral, fazendo os ajustes em momentos oportunos e sem que a criança de forma tão natural que a criança não se sinta envergonhada.

Orientação sexual como tema específico ou uma disciplina: Aqui se tem uma forma sistematizada de trabalhar, terá um professor designado para esta finalidade, o Parâmetro Curricular Nacional que trata este assunto, sugere que seja assim em se tratando de jovens e a partir da 5ª série, quando os alunos já estão prontos e interessados para uma conversa mais madura e poderão expor suas dúvidas tornando uma aula mais participativa dentro de uma programação e de acordo com as condições da escola.

Para Vilela (2008), qualquer uma das modalidades apresentadas quando utilizadas pelo professor terão um eixo norteador com base nos princípios que irão ordenar desde a atitude do professor com as revelações da sexualidade na escola através do aluno, até a realização dos trabalhos que serão desenvolvidos em sala, como a escolha e o meio como irão trabalhar.

O sexólogo Ribeiro (2008), diz que o papel da escola deve ser diferenciado do papel da família, uma vez que em casa são aprendidos valores e noções de outras condutas de comportamento, a escola tem de trabalhar pedagogicamente buscando outras metas, como: trabalhar a autoestima e repensar valores e preconceitos, cooperar com informações das crianças e jovens, fazer com que a criança obtenha um desenvolvimento sexual saudável, ajudar a criança a integrar-se ao grupo sentindo-se importante no meio social em que vive, aceitar o próximo e suas distinções, contribuir na formação de um cidadão consciente.

É preciso trabalhar muito o emocional de cada criança, pois somente dar-lhe informações não é o suficiente, ainda mais quando se trabalha com alunos de idades diferentes, de séries diferentes. Através de trabalhos relacionados à educação, como as dinâmicas de cunho pedagógico, o professor poderá se deparar com um resultado satisfatório.

Para que o professor possa trabalhar sobre sexualidade com o aluno, independe da área do conhecimento que esteja atuando, basta que seja um professor que aja profissionalmente, dando todo o suporte, valorizando os comentários e instigando a participação dos seus alunos abrindo espaço para que surjam sempre discussões a respeito do conteúdo, mostrando sempre segurança no que está passando e que tenha muita paciência para escutar.

Esse tipo de trabalho na escola acaba por envolver também os pais, mexe na realidade com sua sexualidade, onde estes começam a relembrar os desafios e as sombras do passado de sua infância que lhes acompanharam, e muito possivelmente não foram elaborados adequadamente. O bom professor terá a oportunidade de nesse momento trabalhar em grupo com os pais acerca da problemática. Este trabalho que será desenvolvido pelo professor, seja com os alunos ou com os pais, tem o objetivo geral de extrair o que foi apontado como errado ou proibido.

Ainda na visão de Ribeiro (2008), os alunos da educação infantil à 3ª série do ensino fundamental, poderão ter suas aulas de orientação envolvidas como numa brincadeira, vinculadas a atividades realizadas com jogos, trabalhos de pintura e que perpassam o conteúdo. Para trabalhos efetuados com alunos da 4ª série do ensino fundamental as ações do professor poderão ser mais sistematizadas, poderá recorrer a recursos de imagens e sons, fazer

recortes e colagens, mostrando desde as diferenças entre homem e mulher até mesmo a abordagem de todo o corpo, os detalhes de todo o corpo.

É importante lembrar que os atos dos adultos refletem nos atos das crianças, pois eles nessa fase são apenas imitações, e não podem ser encarados como naturais, pois cada coisa à seu tempo, elas têm de saber que determinada coisa, como beijar na boca, não é coisa de criança, que ainda vai chegar a sua época, mas aquele momento ainda não é o seu.

O que acontece muito na primeira fase do ensino fundamental, são as brincadeiras de mau gosto, os risos, piadinhas que surgem acerca das partes íntimas, algumas brincadeiras bastante críticas. Não é recomendado que se coloque a criança em uma situação constrangedora, seria bom aproveitar este momento para estimular a busca por conhecimento de seu próprio corpo, com materiais ilustrativos, mostrando as diferenças e falando sobre o que acontece com o corpo da criança nesta fase onde elas estão praticamente entrando para a fase da pré-adolescência, visto que a maioria das meninas principalmente em torno de 9, 10 anos já estão com o desenvolvimento do corpo bem acentuado, e isso faz com que aguce mais ainda a curiosidade das outras, o professor pode explorar esses acontecimentos com muita naturalidade. As escolas hoje dispõem de espaço físico, bibliotecas e salas de informática que servirão como plano de apoio ao professor no desenvolvimento de suas atividades.

Marcos Ribeiro (2008) diz que quando se tratar de uma escola que tenha poucos recursos e condições de se trabalhar o que está incluído na grade curricular do aluno, a equipe pedagógica da escola poderá oferecer o seu próprio planejamento de acordo com a condição da escola e de seus estudantes.

Para Azevedo (2001), a escola passa cada dia a tomar para si a responsabilidade de educar as novas gerações, são vários os motivos para tal, à popularização do acesso a escola, a universalização, a inserção da criança em um meio social, a busca de uma educação continuada. A escola hoje busca dispor com antecedência a preparação das crianças para as grandes mudanças culturais e para um mundo globalizado, tornando-as assim, cidadãos com autocrítica, indispensável ao ser humano.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais exibem aspectos que permitem ao professor transitar pelo currículo escolar promovendo discussões acerca do assunto que queira abordar, sem causar prejuízos à sua origem e às metas do projeto educativo. Currículo não se refere apenas ao conteúdo das disciplinas, mas a todas as atividades, eventos e elaborações que envolvem a criatividade do professor, desde o trabalho individual como aquele que poderá ser desenvolvido em sala de aula juntamente com os alunos.

A tradição crítica em educação nos ensinou que o currículo produz formas particulares de conhecimento e de saber, que o currículo produz dolorosas divisões sociais, identidades divididas, classes sociais antagônicas. As perspectivas mais recentes ampliam essa visão: o currículo também produz e organizam identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais. Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tomamos, naquilo que nos tomaremos. O currículo produz, o currículo nos produz. (SILVA, 1999, p. 27).

Para Garcia (2009), existem três possibilidades de organização dos currículos:

A Federação, que tem em comum, diretrizes curriculares e parâmetros curriculares, onde estes são os indicadores da linha geral de atuação, a concepção pedagógica geral que se espera para todas as escolas do país, com um ensino centrado no desenvolvimento de competências e habilidades, contextualizado e formador do cidadão.

Os Estados e o Distrito Federal, com base nesses parâmetros, definem os seus próprios currículos, levando em conta as diferenças regionais, as diferentes necessidades e possibilidades de cada unidade da federação.

As Escolas, que devem elaborar os seus programas de ensino, sempre observando o contexto local e os interesses concretos daquela comunidade servida pela escola.

Assim, embora haja diretrizes gerais, cabe uma grande diversidade nos conteúdos de ensino e no modo como são abordados esses conteúdos.

Seguindo as diretrizes curriculares atuais ficou mais transparente o papel da escola é a sua responsabilidade em montar um programa de ensino que corresponda à verdadeira necessidade do aluno. Programa este que não deverá permanecer amarrado a livros didáticos ou a modelos anteriormente criados, aqui o professor poderá fomentar seu trabalho com liberdade, levando em conta a realidade local e as questões do dia-a-dia.

Segundo Garcia, é sabido que muitas dessas questões diárias envolvem o tema da sexualidade infantil, e por isso há a necessidade de agir, tratar do assunto e falar sobre ele com as crianças. A partir desse entendimento o professor tem que levar esse questionamento para o currículo e não deixá-lo tornar um assunto banal ou vulgar, como é tratado por alguns meios de comunicação.

Muito além da conversa formal que o professor terá com seus alunos a partir do contexto que a turma está inserida, será muito importante que ele tenha em mente que os gestos ou cadeias que as crianças fazem nos seus genitais são fonte de temas para que possa introduzir ou abordar a sexualidade sem que o aluno se sinta reprimido.

Uma das questões para a criança está em saber como ela veio ao mundo, e partindo da afirmação da autora, que a sexualidade não deverá ser negada, pois está em desenvolvimento desde o nascimento, seria natural que o tema abordado fizesse parte do cotidiano das escolas, mas para que isso aconteça o trabalho precisa ser desenvolvido através da cooperação de todos os envolvidos na comunidade escolar, por meio de rotinas de acompanhamento do programa de ensino e de alternativas nos planejamentos de aulas e projetos, assim como a capacitação do professor para desenvolvê-las.

Neste sentido, Sayão (1997, p. 269, 281) questiona:

E quem são afinal os responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade (...) claro que os primeiros e principais responsáveis são os pais (...). E quem são os adultos que, pelo menos em tese, deveriam aliar-se aos pais nessa difícil tarefa de educar? Os professores, claro!

O papel da escola é favorecer a orientação sexual como algo que venha complementar o papel da família que é educar, Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) apontam o termo como orientação e não educação, para o professor o nome não deverá ser levado em conta, se é uma disciplina ou apenas um tema a ser abordado, o que importa na realidade é que ele existe na matriz curricular e assim deverá ser respeitado.

A orientação sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos e sexuais e reprodutivos, Estes dizem respeito à possibilidade que homens e mulheres têm de tomarem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo acesso às informações e aos recursos necessários para programar suas decisões. PCN's (1997, p. 293).

Falar em sexualidade na escola envolve muita responsabilidade, pois é uma questão polêmica, cabe a ela a orientação e os esclarecimentos de dúvidas, muitas vezes os alunos chegam à escola com uma visão distorcida, confusa e omissa sobre o assunto, essa é a hora de o professor trabalhar claramente e objetivamente. Esse trabalho não envolve apenas a Prevenção da AIDS, das DSTs e métodos contraceptivos, mas a descoberta do corpo e da sexualidade.

Conhecer os próprios limites, reconhecer a complexidade do tema e exercer seu papel com dignidade: é dessa maneira que o professor pode contribuir para que os alunos possam saber que o sexo é natural, que pode dar prazer, mas para que isso aconteça é preciso maturidade e responsabilidade. (SAYÃO, 1997. p. 281).

O professor nesse momento tem de estar decidido quanto a sua sexualidade, tem de estar atento e preparado para responder as questões dos alunos com perspicácia e cuidado para



não exercer influência sobre o aluno com suas observações individuais e seus preconceitos. Atentar-se no que diz respeito às questões morais e espirituais, não precisando para isso criar dogmas. Fazer a abordagem desse tema na escola, vindo pelo lado do aluno, remete-se à construção de noções, conceitos, imagens e valores a respeito do seu próprio corpo. As áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física, poderão fazer parte dessa construção por meio da explicitação das dimensões da sexualidade nos seus conteúdos.

O Parâmetro Curricular Nacional que propõe a Orientação Sexual, diz claramente os passos que cada uma dessas disciplinas poderá seguir, por exemplo, a disciplina de História, poderá trabalhar a sexualidade apontando a cultura nos seus diferentes tempos, em lugares diferentes, como ela é expressa através do vestuário, os cuidados pessoais, as regras, a valorização do comportamento e hábitos, permitindo o entendimento do corpo. Ainda que pareça algo natural, o modo de usar, representar e valorizar o corpo tem determinações sociais e de várias ordens, tanto econômica como política e cultural, lembrando também que ele sempre teve importante papel na vida do ser humano.

Na Educação Física e na Arte, encontra-se um espaço onde se pode ter o conhecimento e respeito em relação ao próprio corpo, pode-se trabalhar a dança e o teatro, assim como os jogos, com isso o professor poderá destacar alguns pontos observados como: o esforço e as sensações de prazer, a oportunidade de notar e ser notado.

Em Ciências Naturais, é importante que o professor trabalhe a interligação entre as dimensões do corpo, físicas, emocionais, cognitivas e sensíveis, para que não se obtenha uma concepção de conjunto fragmentado, é nessa área que o professor informará as transformações que estão surgindo ou surgirá com a chegada da puberdade, iniciar os trabalhos acerca das concepções de gravidez e parto, diferenças dos métodos contraceptivos e suas ações no corpo, isso dependerá de evolução e do histórico da turma, o professor deverá saber qual o melhor momento e se a turma tem maturidade para receber essas informações.

Existem várias possibilidades e como utilizar diferentes materiais como os didáticos, científicos e artísticos, podendo realizar várias atividades. Uma dica seria de o professor optar por começar fazendo uma análise comparativa do corpo humano, a propaganda e a arte, dando como referência um modelo de estética veiculado pela mídia, para as crianças trabalharem com recorte em revistas, colagens, desenhos e modelagens, isso ajuda a perceberem a ideia que elas vão formando sobre o seu corpo ou do colega. Antes de qualquer situação que vai inserir o conteúdo dessa temática em sala, é necessário que o educador faça uma busca aos alunos para saber o que eles carregam consigo a respeito do assunto.

Os alunos vivenciam curiosidades em épocas desiguais, o que ocorre é que não necessariamente o assunto abordado será igualmente apropriado para todos os alunos, devendo então, o professor saber a hora da retomada das questões, uma vez que os alunos mostrarem sua pertinência em determinada questão, pois como diz nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 p. 321) “O corpo, como sede do ser, é uma fonte inesgotável de questões e debates, que vão além do que é habitual incluir nos estudos da sua anatomia e fisiologia.”

Nas questões de Língua Portuguesa, as regras da própria língua, ajuda a estabelecer diferenças entre gêneros, por exemplo, quando se fala de questões que envolvem o plural, o porquê do plural masculino incluir as mulheres e excluir os homens. Ex.: Boa tarde, a todos! Nos gêneros onde apresentam os animais, a cobra, o jacaré, etc.

De acordo com Martins (2008) na Primeira Fase do Ensino Fundamental, são comuns as brincadeiras e piadas sobre os órgãos íntimos, os palavrões depreciativos ao colega, sobre suas características, se bem observado, na maioria das vezes esses comentários perdem todo o efeito e sentido quando o professor passa a dar significado desses palavrões, escrevendo-os no quadro e explicando que é ofensivo. Neste momento o educador tem a liberdade de explicar e escrever no quadro o tema correto, utilizando-o posteriormente nas conversas acerca do tema.

Outro aspecto que poderá ser trabalhado com os alunos é a questão de padrões de beleza, já que eles têm o hábito de criticar a aparência do outro, essa é uma boa hora para passar um filme, que trate dessa temática, para que depois se possa discutir sobre o que é ser belo, as qualidades que os personagens apresentam, dentre outros questionamentos.

Para Beauclair (2006), o professor deve se adequar às modificações científicas e tecnológicas do século XXI, visto que com essas transformações veio a desordem familiar e a substituição da socialização da família para a escola, sendo assim, exige-se hoje muito mais do professor, não só que tenha uma formação continuada como uma alteração na forma profissional de atuar junto aos alunos, essa alteração não está relacionada ao liberalismo e sim ao fato do professor tornar essas aulas mais agradáveis.

Do professor espera-se sempre mais, que ele busque e adquira o conhecimento e o aplique corretamente, desenvolvendo assim suas competências e habilidades. Essas são demonstradas quando o professor consegue deixar um pouco de lado os livros didáticos e remete-se também ao papel de educador, passando a incluir nas suas atividades os temas transversais: Saúde, Ética, Pluralidade Cultural, Meio ambiente, Preparação para o trabalho e a Sexualidade, procurando sempre estimular ou resgatar os valores socialmente aprendidos como: respeito, solidariedade, retidão, verdade. Cobra-se também do educador que ele se

preocupe com a construção da autoestima de seus alunos, da sua formação integral e da sua criticidade.

As ideias de Castro (2008), baseadas na obra de Foucault, fala da proliferação dos discursos que tratam da sexualidade, que deveriam incitar as práticas dos discursos nos variados segmentos da sociedade. Observa-se uma quantidade significativa na produção de livros, difusão de programas de rádio e TV, discursos políticos, religiosos, revistas no campo da ciência e muitos projetos educacionais. Falando da modalidade educacional, a introdução do ensino ligado à sexualidade, pode ter diversas formas, começando por palestras e oficinas, algumas atividades que partirá da construção e criatividade do professor principalmente os das disciplinas que abrangem os conteúdos de Ciências, Biologia e Educação Física.

Com o estouro da AIDS no Brasil, por volta dos anos 80, veio uma carga dotada de prevenção, muito comum nas escolas para trabalhar com a temática, como se a sexualidade partisse do princípio de prevenir, esse espaço era reservado para trabalhar na precaução e no cuidado em transmitir ou adquirir o vírus é que se aproveitava a aula para inserir a educação sexual, partindo do informativo do perigo da doença. Não que prevenir sobre a AIDS não seja importante, mas se partirmos do princípio do tratamento apenas biológico e preventivo, falar da sexualidade somente nesse momento nos leva a tratar à sexualidade e tudo aquilo que a envolve como uma negação ou simplesmente o silêncio, fazendo com que não satisfaça a curiosidade ou anseio do aluno em saber sobre determinados pontos que envolvem a sua dúvida ou frustração.

Sendo assim, é necessário e de responsabilidade dos profissionais da educação a busca por respostas das questões que envolvem a sexualidade, devendo os mesmos procurarem as falhas para poderem preenchê-las, valorizando aí a sua identidade como professor, passando pelo domínio dos conteúdos e saberes escolares, mostrando a importância da formação continuada.

## **CAPÍTULO 3**

### **VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM O TEMA**

#### **3- METODOLOGIA**

##### **3.1 - Tipo de Pesquisa**

De acordo com Gil (2002, p. 211) o desenvolvimento de uma pesquisa resume-se no envolvimento de várias fases do processo, desde a questão problema até o resultado apresentado. Para que se obtenha uma pesquisa satisfatória e precisa, a investigação tem de ser minuciosa e especificada,

Partindo dos princípios desta pesquisa onde o objetivo geral indica a direção que foi seguida e os específicos onde cada um estabelece um item do trabalho a serem desenvolvidos, eles foram executados com base na metodologia com abordagem da pesquisa qualitativa.

Segundo o autor, para analisar os fatos do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa, ou seja, o delineamento da mesma. Para ele, a pesquisa de campo é normalmente utilizada para o exame cuidadoso de indivíduos, grupos, comunidades ou instituições, com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade.

Confirmando essa ideia, os autores abaixo ressaltam que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS E MARCONI, 2002. p. 83).

Nesse contexto então, foi realizada uma pesquisa de campo com análise descritiva e também bibliográfica, porque envolve um levantamento do tema estudado, levando em conta o material elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos, bem como instrumentos legais, atividades xerocopiadas e busca em sites na Internet.

### **3.2 Sujeitos da Pesquisa**

A pesquisa de campo teve como objetivo a coleta de dados referentes a fatos reais, do cotidiano dos professores no que diz respeito ao tratamento da sexualidade em sala de aula. Os sujeitos do estudo são 20 professores da primeira fase do Ensino Fundamental de duas escolas privadas em Vicente Pires, Taguatinga. Isto se deu para que se possa obter uma análise comparativa das instituições públicas e privadas desta circunscrição, referente ao ensino do tema. Os sujeitos responderam oito (08) perguntas interligadas a respeito de aspectos relacionados ao tema proposto.

### **3.3 - Instrumento de Coleta de Dados**

A coleta dos dados foi feita através de questionário com perguntas abertas e fechadas. Cada escola recebeu cinco questionários para serem respondidos pelos professores. Segundo Lakatos e Marconi (2002, p. 45) o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

### **3.4 - Análise dos Dados**

Para alguns itens foram construídos gráficos e soluções estatísticas referentes à pesquisa, com base nos cálculos sobre a qualidade da aprendizagem. Para outros itens foram utilizados a análise descritiva já que se trata também de questões abertas.

De acordo com Cruz e Ribeiro (2003, p. 18), o que se percebe nas considerações da análise dos dados que são coletados é que eles são muitos dispersos, principalmente pelas múltiplas informações da pesquisa.

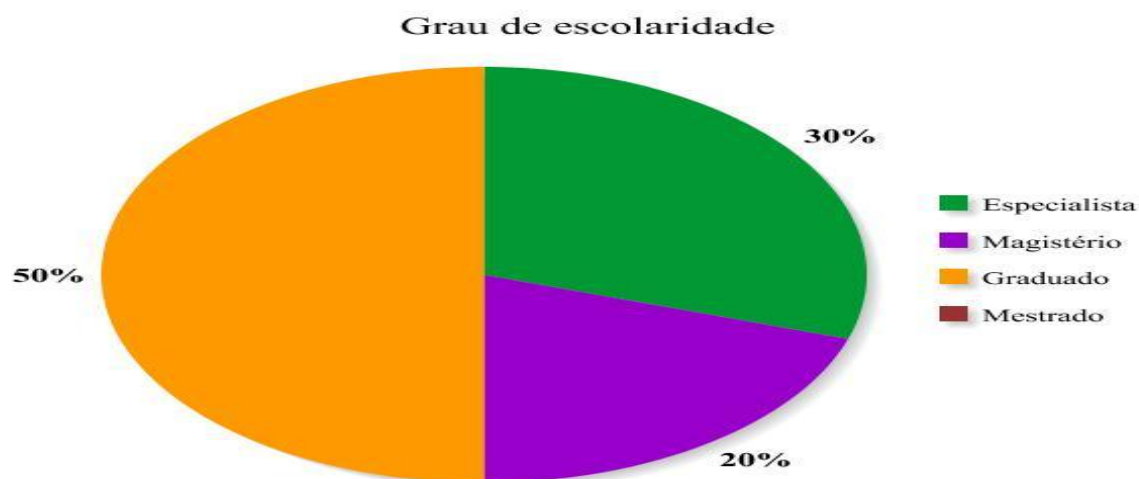
### **3.5 - Análise e interpretação dos dados**

Foi possível a observação do desenvolvimento de uma aula acerca do tema sexualidade, esta aula foi anteriormente solicitada para que pudesse ser assistida, em duas turmas do 5º ano de uma das escolas particulares no dia 06 de novembro no período matutino. A professora regente é formada na área de ciências e engloba em suas aulas o tema sexualidade, ela sempre que possível ou dependendo do projeto da escola, trabalha o tema

concomitantemente com outras disciplinas, nesse dia ela estava trabalhando uma dinâmica sobre significados de palavras juntamente com o professor de educação física que era o coadjuvante. Eles resolveram juntar as únicas turmas do 5º ano, duas, por serem poucos os alunos nelas matriculados, as turmas juntas somaram um total de 33 alunos. Os alunos foram convidados a realizar esta tarefa na quadra coberta. A professora seguiu um roteiro para a dinâmica que segue como anexo. Ao ser realizada a dinâmica o professor de Educação Física assumiu a posição e trabalhou com eles um texto onde falava sobre violência sexual, também em anexo. O professor resolveu trabalhar esse texto com os alunos devido ao grande índice de violência sexual envolver os próprios familiares e por ser o assunto uma questão que está sendo muito mostradas pela mídia e às vezes as crianças ou adolescentes sentem vontade de falar sobre essas questões atuais e não tem com quem debater, ele achou de extrema importância levar o debate para os alunos para que ficasse clara a importância de se denunciar caso o aluno conheça algum coleguinha que esteja sendo vítima de tal tortura. Enfim, foi uma aula prazerosa para os alunos, pois os mesmos conseguiram expor suas ideias, tiraram dúvidas e acabaram por adquirir maior conhecimento. Esta aula teve duração de 3h30min, dentro do tempo destinado as aulas normais dos professores envolvidos.

A primeira pergunta que consta no questionário diz respeito à escolaridade dos professores.

Questão 01 - Qual a sua escolaridade?



Fonte: Pesquisa de campo.

Na primeira pergunta feita aos professores sobre a sua formação escolar, obteve-se o seguinte resultado: 04 (quatro) professores, afirmaram possuir ainda apenas o Curso Magistério, sendo que 01 (um) está cursando Pedagogia e ministra as aulas em escola pública, e três outros estão dando aula nas escolas particulares pesquisadas. 10 (Dez) professores são graduados, visto que 6 (seis) deles se encontram nas escolas públicas de Taguatinga, 03 (três) tem formação na área de Letras Português e um em Pedagogia, já nas escolas particulares os professores graduados ficaram na margem de 3 (três), e são formados na área de Pedagogia. 30% (trinta) dos professores são especialistas e estão assim divididos: dois professores das escolas públicas são formados em Psicopedagogia, os outros quatro professores são das escolas particulares, sendo um Psicólogo, dois Psicopedagogos e um especialista em Gestão Educacional. Nem um professor diz ter concluído o mestrado.

“De acordo com o Decreto n° 3.276, de 06 de dezembro de 1999, instituído pelo Governo do Distrito Federal, da Casa Civil, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica prevê em seu Artigo 2º, § 2º e 3º respectivamente a seguinte redação:

"A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, far-se-á, preferencialmente, em cursos normais superiores." (Redação dada pelo Decreto n° 3.554, de 2000).

Prevê ainda sobre os cursos que:

"Os cursos normais superiores deverão necessariamente contemplar áreas de conteúdo metodológico, adequado à faixa etária dos alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, incluindo metodologias de alfabetização e áreas de conteúdo disciplinar, qualquer que tenha sido a formação prévia do aluno no ensino médio."

## Questão 2 – Em que série você leciona?

Tabela 1 – porcentagem de professores por séries pesquisadas

Variáveis	Frequência	Porcentagem
1° Ano	01	05%
2° Ano	02	10%
3° Ano	05	25%
4° Ano	08	40%
5° Ano	04	20%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa de campo

Foram entrevistados professores de todas as séries da primeira fase do Ensino Fundamental, algumas séries com maior número de professores, num total de 20, onde 5 (cinco) lecionam no 1° ano do Ensino Fundamental, 10 (dez) no 2° ano, 25 (vinte e cinco) no 3° ano, 40 (quarenta) no 4° ano e 20 (vinte) no 5° ano. Os professores das escolas particulares que foram escolhidos para responderem ao questionário em questão foram apontados pela diretora de cada uma das instituições, nas escolas públicas a orientadora pedagógica se encarregou de indicar os professores que poderiam colaborar, mas nem todos procurados se dispuseram a responder o questionário.

## Questão 3 – Você trabalha a sexualidade com seus alunos?



Fonte: Pesquisa de campo



De acordo com os dados da pesquisa, 7 (sete) professores responderam que sim, trabalham o tema sexualidade com seus alunos, no entanto a maioria desses professores, ou seja, 6 (seis) deles estão dando aula nas duas escolas particulares do Setor Habitacional Vicente Pires e apenas 1 (um) está lecionando na escola pública de Taguatinga. As respostas de alguns professores quanto à periodicidade, ficou marcada pelo fato de as escolas darem importância aos temas transversais, realizando frequentemente através de projetos, palestras, seminários que os próprios alunos apresentam, discussões acerca de algum texto, e trabalhos de pesquisa. Nessas escolas, os educadores, estão sempre envolvidos com o tema, pois o trabalham também nas atividades que se referem à saúde e drogas.

Os professores que afirmam não trabalharem com o tema, estão todos em escolas públicas, somam 4 (quatro) no total, eles dizem que não envolvem o tema sexualidade em suas aulas por não constar no projeto político pedagógico da escola no que tange o 1º, 2º e 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental; por não haver obrigatoriedade da temática; pelo simples fato da escola não demonstrar interesse no assunto, pois acham que as crianças ainda não tem maturidade suficiente para ouvir falar sobre essas questões. Uma dessas escolas conta também que em experiências anteriores, diz ter adotado um projeto que falava sobre sexualidade, o nome do projeto era: "A importância da sexualidade na infância", o projeto consistia em levar conhecimentos aos alunos, no que diz respeito às mudanças do corpo, higiene, a diferença dos gêneros e opções sexuais, doenças, dentre outros, porém os professores alegam que o projeto foi um fracasso, pois foi rejeitado pelos pais antes mesmo que acontecesse. A escola fez a propaganda do projeto através de panfletos e cartazes e enviaram bilhetes pelos alunos para os pais comunicando o evento, foram inúmeras reclamações e o projeto teve de ser suspenso.

A opção às vezes, que consta nesta questão foram marcadas por 9 (nove) professores, dentre estes 4 (quatro) são das escolas particulares e 5 (cinco) das escolas públicas.

A reclamação dos pais em relação ao trabalho da sexualidade na infância acaba por dificultar mais ainda a interação do aluno com o tema. O processo de formação da sexualidade acontece também com o amadurecimento das crianças para a fase adulta, portanto não se sugere que deva ser tratado como algo sem importância ou simplesmente ignorá-lo, de nada adianta desprezar o assunto, pois isso faz parte da transição de fases da vida, o fato de alguns pais adotarem determinada postura não quer dizer que seja a correta e de acordo com Ribeiro (1996, p. 21) “os pais tendem naturalmente a desprezar os fatores de maturidade e a mostrarem-se demasiados sensíveis às oscilações imprevistas das atitudes das crianças”. Muitas dessas oscilações têm uma base natural no campo do desenvolvimento.

O PCN (1997) sugere que a sexualidade seja tratada como tema transversal, deixa claramente observado que "a orientação sexual oferecida pela escola deve preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente criar possibilidades de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado." Neste contexto, é imprescindível que a escola adote uma postura diante das necessidades de seus alunos que carecem de informações, pois são várias as mudanças que ocorrem no comportamento das crianças, é nessa fase que surgem as dúvidas e preconceitos.

Questão 04 – Como sua escola planeja o tema Orientação Sexual? Como isso acontece?



Fonte: Pesquisa de campo.

Através da análise desta questão, verificou-se que nenhum dos professores entrevistados diz planejar como disciplina a Orientação Sexual em sua escola.

Verificando os dados obtidos, percebem-se que a grande maioria das escolas aborda a sexualidade como Tema Transversal, eles têm uma forma de expressão muito parecida ao falar do planejamento da temática, Nessas escolas são realizadas atividades interdisciplinares, oficinas, teatros, palestras, exposições, debates, leituras de textos condizentes com o assunto. Uma das professoras da escola pública questionada sobre o planejamento diz que há a ajuda da orientadora para montagem de projetos específicos para aplicar em turmas onde existe maior concentração de alunos com a sexualidade aflorada.

Em uma das escolas particulares dois professores citaram a mesma observação sobre um projeto que a escola já desenvolve há dois anos e este ano será realizado no segundo semestre letivo. O projeto fala sobre sexualidade e drogas, mas quem monta o projeto são os próprios alunos com a supervisão do orientador e do professor de ciências, os alunos fazem o

cronograma e realizam apresentações, expõem livros e materiais construídos por eles, levam palestrantes, divulgam artes, música, fazem gincana onde visam buscar o respeito com os colegas, falam também sobre o preconceito sexual, etc. Este trabalho é realizado com a participação de pais e é feito por alunos do 3º ao 5º ano.

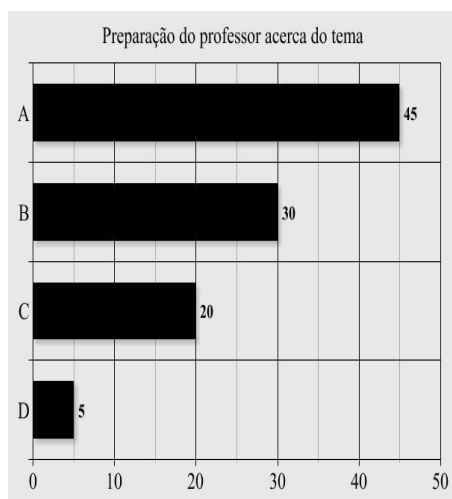
Dos 20 (vinte) professores entrevistados 7 (sete) marcaram a opção "outros", 4 (quatro) professores da escola pública alegam não trabalharem a Orientação Sexual em momento algum, por serem professores do 1º ao 3º ano, eles acham que as crianças ainda são imaturas. Segundo os professores a escola prefere não incluir o tema durante essa fase, eles possuem a disciplina de ciências, mas que cuida apenas dos aspectos como higiene pessoal, meio ambiente, e algumas noções de funcionamento do corpo humano, como: sistema respiratório, cardiovascular, etc. Não entram no mérito da questão sexual. Os outros 3 (três) professores estão divididos quanto as respostas, (1) um deles expressa que só é falado do tema em sala de aula, quando surge algum questionamento, quando se há curiosidade, e se tiver tempo, o professor para pra discutir sobre o assunto levantando debate, e tirando dúvidas. As outras 2 (duas) professoras responderam que o tema é apresentado como projeto normal igual aos outros, mas nunca em sala de aula.

Para o professor é importante que ele aborde o assunto logo que surjam os interesses do aluno, ou mesmo antes que isso aconteça, para que desde cedo não se realize concepções errôneas sobre a sexualidade. Quando se aprende errado, é mais difícil consertar depois. A Orientação sexual não pode ser vista como um conhecimento que fique apenas a mercê do educador, já que é uma proposta educativa, ela deve ser elaborada de forma que seus planejamentos atinjam os objetivos propostos e essenciais para melhor conscientização e esclarecimento do aluno.

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominando aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (PCN's, 1997, p. 299).

Neste sentido deve-se pensar que não só o professor, mas a escola também tem que estar envolvida no comprometimento com a Orientação Sexual de seus alunos.

### Questão 05 – Você se sente preparado para falar de sexualidade com seu aluno?



Não o tema deveria ser tratado por um especialista da saúde.

Não, me sinto inseguro.

Sim, tenho preparo e gosto do tema.

Sim, me sinto preparado(a), mas não tenho recurso necessário.

Fonte: Pesquisa de campo.

Através dos resultados da questão apresentada, percebe-se que a maioria dos professores da 1ª fase do Ensino Fundamental, não estão preparados ou se sentem inseguros em relação à abordagem do tema, pois 45 (9% dos 20 professores entrevistados), dizem que não se sentem preparados e que o tema deveria ser tratado por especialistas da área da saúde, 30 (6% dos professores) diz não estar preparado por se sentir inseguro, 5 (1% de professores) afirma que se sente preparado, mas não tem recurso necessário para falar de sexualidade na escola e 20 (4% dos professores) afirmam que se sentem preparados e gostam do tema.

Levando em conta que uma parte significativa dos professores disse que o tema deveria ser tratado por um especialista da saúde, para Sayão (1997, p. 115) "Na verdade, são os profissionais da própria escola (professores ou orientadores), na qualidade de adultos significativos para os alunos, que se constituem em interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade." Pois, é no professor que na maioria das vezes, o aluno encontra a confiança para responderem seus questionamentos e dúvidas.

Partindo do pressuposto que a temática deva ser tratada por um professor que esteja capacitado a orientar de forma responsável as questões da sexualidade, este deverá se encontrar sempre alerta, em um preparo constante das suas aulas, para que diante das dificuldades consiga resolvê-la.

Questão 06. Quais as maiores dificuldades que você já encontrou ou pensa que exista no desenvolvimento da Orientação Sexual em sala de aula?

Dentre várias respostas dos professores em relação às dificuldades, 9 (nove) deles sendo 6 (seis) professores de escola pública, tem um ponto em comum, que dizem sobre a falta de apoio dos pais, que reagem muitas vezes tratando o assunto como algo alheio a eles, deixando de lado o seu compromisso com a formação do filho e depositando ou transferindo para o professor total responsabilidade. Segundo esses professores os pais têm sérias dificuldades para tratar esse assunto, ou seja, os pais no que deveriam ser coadjuvantes dos professores preferem se ausentar, não participam da vida escolar do aluno no que tange essa questão, quando há projetos, oficinas ou qualquer outro evento relacionado, muitas vezes não aparecem. Dois desses professores diz ainda que os pais são contra a realização dessas atividades na escola, pois acham que estão estimulando ou favorecendo precocemente a curiosidade. Os professores restantes diferenciam em algumas respostas, 3 (três) professores de escola pública alegam não ter material suficiente, para desenvolver o tema. 1 (um) educador da rede particular de ensino do 3º ano encontra dificuldade para falar com as crianças, pois ele diz que a turma é de alunos muito novos, se encontram na média com sete ou oito anos, e pra ele professor, não é o momento de falar de sexualidade, ele planeja as aulas por que a direção da escola trabalha o tema como transversal e engloba as suas séries, mas ele acha que deveria ser tratado apenas na II Fase do Ensino Fundamental. As demais respostas são variadas, alguns dizem da dificuldade por haver preconceitos, tabus, tempo disponível para construção de atividades, apoio da escola, dentre outros.

Em uma das respostas dos professores, a dificuldade está em saber como falar sobre a sexualidade com seu aluno, uma vez que ele chega a escola com uma visão totalmente negativa em relação à sexualidade, visto que seus pais escondem até mesmo questões mais simples, como o fato de como ele nasceu, ou por que o corpo dele está em transformação, quando o assunto é tratado em sala a criança fica tímida e retraída e não consegue se expor diante do assunto.

Em relação à análise feita acima, onde aponta elevado índice na maioria das respostas dadas pelos professores que dizem sentirem dificuldades em relação à falta de apoio dos pais, não se diverge da redação feita pelos PCNS (1997, p. 291) que diz:

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (vírus da

Aids) entre os jovens. Antes, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa.

Segundo Suplicy (1993, p. 33), os pais se sentem sem confiança e se veem completamente despreparados para falar com seus filhos sobre uma orientação saudável, pois eles próprios não tiveram uma educação esclarecedora e ao tentar falar sobre o assunto se deparam com suas próprias aflições.

O diálogo é um dos valores de maior importância no convívio familiar, os pais não podem se tornar omissos seja em qual questão for. Quanto mais aberta for a relação entre eles, melhor será o desenvolvimento de seu filho seja no campo cognitivo ou afetivo. Os professores também sentem dificuldade, ao falar sobre sexo em sala de aula passando às vezes por conflitos com eles mesmos. Quando o professor parte para atividades práticas a serem desenvolvidas sobre a temática, percebe-se uma nova aula, pois a cada pergunta, a cada dúvida ou curiosidade do aluno, o professor tem que desenvolver sua competência, agindo com naturalidade e espontaneidade.

Para Nóvoa (1997, p.27):

*As situações conflitantes, que os professores são obrigados a enfrentar ( e resolver) apresentam características únicas, exigindo portanto características únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo ( ... ) A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva.*

Questão 7. Você já se surpreendeu com alguma pergunta ou questionamento do seu aluno em que você não soube o que responder? O que você fez?

Todos os professores responderam que sim, já se surpreendeu com alguma pergunta em que não souberam o que responder. O que faz a diferença é na resposta de o quê fazer? Pois, 75% dos professores falaram que ao se depararem com tal questionamento, disseram que responderia a pergunta em outra ocasião por que aquele não era o momento adequado, 15 % dizem ter mudado de assunto por não saberem o que responder, 5% pediu ao aluno que conversasse com os pais sobre a pergunta, pois a melhor pessoa para falar sobre esse assunto

com ele era os pais, e 5% pediu para o aluno fazer uma pesquisa na Internet ou livros e conforme houvesse ainda alguma dúvida ele o ajudaria.

As manifestações da sexualidade poderão acontecer a qualquer hora, em qualquer lugar, ela poderá vir de variadas formas, seja através de um questionamento, dúvida ou comportamento, exigindo assim do professor uma subserviência, uma dedicação para trabalhar com seu aluno, respeitando cada etapa de seu desenvolvimento, dando o melhor de si trabalhando sempre com autenticidade. Quando surgem essas manifestações, essa é a melhor hora de desenvolver um trabalho que não teria sido programado anteriormente, pois se toma inovador. Neste sentido observa-se que:

A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas. A atitude de acolhimento a essas expressões e de disponibilidade para ouvir e responder é fundamental para o trabalho que aqui se propõe. O trabalho de Orientação Sexual se dará, portanto, dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. (PCN's, 1997, p. 308).

Questão 8. Quais as competências necessárias ao professor para o desenvolvimento de um bom trabalho acerca do tema?

Os professores da rede pública de ensino citaram como competências necessárias: Segurança ao propor o tema, conhecimento do assunto, busca de apoio pedagógico para desenvolvimento de atividades ou projetos, formação na área de ciências, trabalhar o tema com seriedade e discernimento do que se pode falar e o que não se deve falar planejamento das aulas, cursos de aperfeiçoamento feito por especialistas no assunto, educação continuada.

As competências citadas pelos professores da rede particular não se diferenciam em muito das expostas pelos professores da rede pública, pois eles afirmam que os professores têm de ter: Conhecimento necessário para abordar o tema, aperfeiçoamento contínuo nas áreas que tratam os temas transversais, trabalhos interdisciplinares onde envolvam os pais e o corpo docente, informação, facilidade de oratória, segurança, domínio da turma para obtenção de bom trabalho, empolgação na realização de projetos, oficinas e teatro, deixar de lado os preconceitos, formação continuada.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que fala sobre a Orientação Sexual, seria de fundamental importância que o professor responsável por tratar a

sexualidade com as crianças tivesse uma formação específica, que possa favorecer uma postura ética e consciente do tema a ser tratado. Os professores precisam resolver suas próprias dificuldades, praticando o hábito da leitura, abrir debates sobre a temática, criando abordagens diferentes, para produzir conhecimento a partir do que for praticado em sala de aula com as crianças, isso servirá para seu próprio fortalecimento de segurança do assunto. Existe a necessidade por parte dos educadores que eles possam conhecer seus próprios valores que administram suas condutas e norteiam a visão que eles têm de mundo, fazendo assim com que reconheçam que existem outras importâncias de comportamentos, que não são iguais aos seus. Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) o desenvolvimento cognitivo do professor deve ser sistematizado e continuado, promovendo uma avaliação e meditação no que diz respeito a valores e aos preconceitos, por parte dos convenientes professores que envolvem a Orientação Sexual em suas aulas.

O professor constrói seu conhecimento ao longo da carreira, no desenvolvimento de suas atividades pedagógicas, no transcorrer entre a teoria e a prática. O que compete ao bom profissional da educação é a ação recíproca com os outros professores e o exercício leal da sua profissão, e para com seus alunos. Vive-se hoje uma sociedade de grandes mudanças onde todo dia o professor se depara com questões que deverão ser reformuladas, revistas, sendo assim, há a necessidade de um professor que busque aprimorar seus próprios conhecimentos. Espera-se que o professor desenvolva um papel ativo, participativo e responsável reformulado através de estratégias diferenciados.

Na introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 44) é citado sobre a valorização da participação construída pelo aluno e fala da influência que o professor exerce sobre determinados conteúdos que beneficiam a formação do aluno como pessoa. Diz ainda sobre a dificuldade de se ter um conhecimento pronto, edificado, pois: "De um lado, porque o objeto do conhecimento é complexo de fato e reduzi-lo seria falsificá-lo; de outro, porque o processo cognitivo não acontece por justaposição, senão por reorganização do conhecimento". Entende-se assim que não se consegue a culminância das informações transmitidas com excelentes resultados tão rapidamente, essas informações são edificadas por etapas, mas o professor ao trabalhar com seriedade ele consegue aproximar-se do seu aluno ajudando-o a reconstruir ou construir uma ciência mais exata sobre o assunto.



### **3.6 - Caracterizações das Instituições de Ensino**

A coleta de dados foi realizada em escolas de Taguatinga, duas delas se encontram na região administrativa do Setor Habitacional Vicente Pires - Ruas 03 e 08, que são escolas particulares, em que uma delas atendem a uma clientela de alunos que vai desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. A outra atende apenas a Educação Infantil e a primeira fase do Ensino Fundamental. Essas escolas são compostas por sala de vídeo, informática, laboratório, sala de leitura, biblioteca, quadra de esportes, piscinas, sala para artes (teatro, música, outros) e demais dependências necessárias ao amplo desenvolvimento do ensino.

As duas escolas públicas de Taguatinga, são Escolas Classes que atendem desde a Educação Infantil a primeira fase do Ensino Fundamental, estão localizadas nas quadras QNG e QNH. São escolas que não dispõem das mesmas estruturas das escolas particulares citadas acima, mas todas elas têm sala de vídeo, biblioteca, as duas possuem laboratório de informática, mas apenas em uma delas há atividades para os alunos da escola, as quadras de esportes dessas instituições não se encontram em bom estado e uma delas está passando por reforma.

Em nenhuma dessas escolas, está incluído em seu currículo a Orientação Sexual como disciplina, a maioria contempla o tema como transversal.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o tema Orientação Sexual seja de fundamental importância para um desenvolvimento seguro da sexualidade e que a Escola seja de fato o principal meio para extensão e realização deste trabalho, toma-se o professor e o orientador, responsável dentro do âmbito escolar para tratar a questão, seja como disciplina, seja como tema transversal.

Este estudo mostrou que os professores estão em busca da formação profissional, pois em sua maioria constatou que são formados em nível superior ou pós-graduação, o que não significa a busca por questões que envolvem a sexualidade. O fato de o professor ser formado ou especialista em determinada área, não o capacita para falar sobre sexualidade, este questionamento está inserido dentro das respostas dos próprios professores em relação a sua preparação para o assunto. Infere-se também, sobre a falta de preparo e segurança, na questão em que o professor respondeu ter se surpreendido com alguma pergunta em que não soube o que responder, e a resposta foi unânime, todos disseram sim, constatando mais uma vez, que o professor tão somente não está preparado para falar do tema como ainda encontram dificuldades no desenvolvimento da Orientação Sexual em sala de aula.

Por fazer parte de todo um contexto social, a sexualidade passa a ser para o aluno, não somente essencial para sua formação como ser pensante e ético, mas também essencial no seu exercício de cidadania, visto que é dever do estado e um direito de todos a garantia de políticas sociais que visem a redução de riscos e de outros agravos à saúde. Trabalhando a sexualidade desde a infância será possível diminuir os índices da paternidade indesejada, DST's e AIDS. Partindo deste pressuposto, a escola passa a ter uma responsabilidade maior em estabelecer uma reflexão esclarecedora acerca da sexualidade e rica de conhecimentos, tanto sexual, como histórico, cultural, social e humano.

A visão do professor deve ser de trabalhar a sexualidade como um assunto, tema ou matéria, evitando que se faça somente por meio de correção de comportamentos verificados. O próprio Parâmetro Curricular Nacional (1997) propõe o tema como transversal. É importante que o professor seja o mensageiro dessa tarefa de transmitir informações para os alunos, pois muitos pais veem na escola uma proposta de preparo ou incentivo na construção de seus filhos para o mundo, para construção como pessoa. A orientação sexual faz parte dessa construção, visto que há uma necessidade de abordagem do tema, não se pode mais admitir professores com conduta preconceituosa e totalmente alheios ao conhecimento e competências necessárias para essa abordagem.

Enfim, pensando nessa prerrogativa é sabido que não se constrói um conceito sobre o tema que seja o correto ou que seja ele de um todo complexo, mas seria de total importância que quebrassem os tabus, houvesse iniciativa, deixassem de lado as inseguranças para a realização de um bom trabalho.

## APÊNDICE I

Senhor Professor,

Meu nome é Maria Graziela Assenço da Silva, sou aluna do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, solicito gentilmente sua colaboração no Trabalho de Conclusão de Curso, para que responda o questionário proposto abaixo. Este questionário tem o objetivo de levantar dados para a pesquisa de campo, acerca do tema Orientação Sexual que é transmitido nas escolas de ensino público e privado. Não é necessária a sua identificação e suas respostas serão resguardadas.

1 – Qual a sua escolaridade?

- ( ) Magistério
- ( ) Superior. Qual área? \_\_\_\_\_
- ( ) Pós-graduação. Qual área? \_\_\_\_\_
- ( ) Mestrado. Qual área? \_\_\_\_\_

2 – Em que série você leciona? \_\_\_\_\_

3 – Você trabalha a sexualidade com seus alunos?

- ( ) Sim.
- ( ) Não.
- ( ) Às vezes.

Se sim, qual a periodicidade?

Se não, por quê?

---

---

4 – Como sua escola planeja o tema Orientação Sexual?

- ( ) Como disciplina.
- ( ) Tema transversal.
- ( ) Outros.

Como isso acontece?

---

---

5 – Você se sente preparado(a) para falar de sexualidade com seu aluno?

---

---

6 – Quais as maiores dificuldades que já encontrou ou pensa que exista no desenvolvimento da Orientação Sexual em sala de aula?

---

---

7 – Você já se surpreendeu com alguma pergunta ou questionamento do seu aluno em que você não soube responder? O que você fez?

---

---

8 – Quais as competências necessárias ao professor para o desenvolvimento de um bom trabalho acerca do tema?

## **PERSPECTIVAS PARA A MINHA ATUAÇÃO APÓS A GRADUAÇÃO**

Não é um sonho... Mas para muitos pode ser. O mais importante é sonhar, e mesmo que os sonhos não se realizarem dentro de um contexto que chamamos mundo, idealizar e realizar dentro de um contexto que chamamos escola, utilizar a ferramenta mais importante e necessária para a vida humana: A educação. Não de forma opressiva e repetitiva, mas, sim, de uma forma onde todos possam entender, ou pelo menos, compreender o que essa ferramenta é capaz de produzir dentro de qualquer um de nós.

Aprender, ensinar, ver resultados e festejar, a cada palavra conhecida, a cada número representado, a cada história vivida ou inserida, enfim, educar...

O que se espera dentro de uma classe, é difícil definir, já que por vezes o que nos espera é uma caixinha de surpresas, um monte de sonhos juntos, que dependem, mesmo que pouquinho ou por um período curto de tempo do que se é feito através de você, da troca de conhecimentos, dos momentos vividos e do que se torna uma reflexão para o futuro, guardada na memória pelas lembranças dos momentos em que passamos juntos.

Fazer a diferença, essa é a grande perspectiva, que hoje já esta sendo idealizada na forma de transmitir o meu simples conhecimento, ser sábia para entender o que o aluno necessita, além do conhecimento específico e teórico, além de todas as possibilidades imagináveis, fazer o melhor sempre.

Buscar a cada dia, mais e mais formas diferentes de ensinar, a cada passo uma descoberta, assim, crescer e aproveitar do que a educação em sua plenitude quer transmitir, sem conceitos, sem tantas voltas, simplesmente, educar amando, ou amar educando, sem preconceitos, sem barreiras. Embrenhar-me nessa ferramenta utilizando os recursos limitados e provavelmente os ilimitados, buscar ser mais do que criativa, e sim inovadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Maria do Perpétuo Socorro M. T. **Educação**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txtl.htm>

BEAUCLAIR, João: **Psicopedagogia**: Trabalhando competências, criando habilidades. Rio de Janeiro: W AK Editora 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias, uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 229-239.

BOUER, Jairo. **Tudo sobre sexualidade**. São Paulo: Melhoramentos, 2006, p. 46.

BRASIL, Ministério da Educação Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade Cultural: Orientação Sexual**. VoI. 10.2, 1997.

CASTRO, Garcia Mary et al. **Juventudes e sexualidade**. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=20Juventudes2Oe20sexualidade>>. Acesso em 25 nov 2012.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2003.

DAWKINS, Júlia, **Manual de educação sexual**. São Paulo: Cultrix, 1967.

GARCIA, Lenise Aparecida Martins. **Educação e currículo**. <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em 12 nov 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p.211.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

MARTINS, Ana Rita. Orientação Sexual Acesso em 25 set 2012. Disponível em: [http://educarparacrescer.abril.coro.br/comportamento/\\_orientação-sexual426475.shtml](http://educarparacrescer.abril.coro.br/comportamento/_orientação-sexual426475.shtml)

NÓVOA, Antonio. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997, p. 27.

PASCUAL, Cosme Puerto; MARTINEZ, Tomaz Piego. **Compreender a sexualidade para uma orientação integral**. São Paulo: Paulinas, 1998, p.90.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1997.

PINHEIRO, Fabíola Christina de Souza. **Do preconceito ao reconhecimento como núcleo de família**. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrinaltexto.asp?id=6495>. Acesso em: 25 set 2012.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia, Religiões e Valores Cristãos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 2. Ed.p. 179-181.

RIBEIRO, Marcos. **Alfabetização sem segredos**. Temas Transversais: Oficinas: Orientação Sexual. Minas Gerais: Lemar, 1996.

RIBEIRO, Marcos. **Sexualidade na infância**. Disponível em: <http://www.marcosribeiro.com.br/artigos.htm>. Acesso em 26 set 2012.

RIBEIRO, Marcos. **O Prazer e O Pensar: Orientação Sexual para Educadores e Profissionais de Saúde**. Gente, co-edição: CORES, vol. 1 e 2.

SAYÃO, Rosely, **A Educação Sexual nossa de cada dia**. Série Idéias nº28, São Paulo: FDE, 1997, p. 115,269 - 281.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria A. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Omega Editora, 2000. Vol. 01. p, 120.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

SODELLI, Marcelo. Disponível em: [http://www.netpsi.com.br/artigos/99\\_escola~rofessor.htm](http://www.netpsi.com.br/artigos/99_escola~rofessor.htm) PUC/SP 1.999. Acesso em 20 nov 2012.



SOMMER, Adriana. **História do sexo e da sexualidade**. Disponível em: <http://www.historiadasexualidade.com>. Acesso em 17 out 2012.

SUPLICY, M. (1993) Educação e Orientação Sexual, In: Ribeiro, M (org.) Educação sexual: novas conquistas, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

VILELA, Maria Helena. Disponível em <http://artigo.revistaescola.abril.com.br/>

online/reportagemlorientação-sexual•desafio-escola-391163.shtrnI. Acesso em 04 mar 2012

VITIELLO, Nelson. **Revista Brasileira de Medicina** - ed especial: Nov. 98, V55, p. 1 - 10.